

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

LEANDRO LUIS SANTOS E NASCIMENTO

**ETNIA E COALIZÃO: UM ESTUDO SOBRE CATEGORIZAÇÃO  
SOCIAL EM UM CONTEXTO DE CONFLITO GRUPAL**

São Paulo  
2009

LEANDRO LUIS SANTOS E NASCIMENTO

ETNIA E COALIZÃO: UM ESTUDO SOBRE CATEGORIZAÇÃO  
SOCIAL EM UM CONTEXTO DE CONFLITO GRUPAL

Dissertação apresentada ao Instituto de  
Psicologia da Universidade de São Paulo  
como parte dos requisitos para obtenção  
do grau de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia  
Experimental

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Titular Emma Otta

São Paulo

2009

AUTORIZADA A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL  
DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU  
ELETRÔNICO, PARA FINS EXCLUSIVOS DE ESTUDO E PESQUISA,  
DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Nascimento, Leandro Luis Santos e.

Etnia e coalizão: um estudo sobre categorização social em  
um contexto de conflito grupal / Leandro Luis Santos e  
Nascimento; orientadora Emma Otta. -- São Paulo, 2009.

92 p.

Dissertação (Mestrado- Programa de Pós-Graduação em  
Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Experimental) –  
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Psicologia evolucionista    2. Psicologia Intercultural  
3. Pesquisa intercultural    4. Classificação processos cognitivos  
5. Formação de coalizão    7. Raça (antropologia)    8. Grupos  
sociais

BF669

Nome: Leandro Luis Santos e Nascimento

Título: Etnia e coalizão: um estudo sobre categorização social em um contexto de conflito grupal

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Banca Examinadora

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Dissertação defendida e aprovada em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

*Aos meus pais,  
por me ensinarem a aprender*

## **AGRADECIMENTOS**

Não há outra maneira de começar esses agradecimentos senão pela minha família: primeiramente ao meu pai e à minha mãe, pois sobre eles recai a culpa tanto da minha existência e quando da minha essência; aos meus irmãos, com quem o convívio foi de grande contribuição para aquilo que hoje sou; e aos meus avôs e avós, paternos e maternos, cujas origens humildes e lições de coragem me permitem sonhar com aquele que pretendo, um dia, me tornar.

Agradeço também às seguintes pessoas e instituições cujas contribuições, nas mais variadas esferas, considero essenciais durante minha, ainda curta, carreira acadêmica:

À Professora Dr.<sup>a</sup> Emma Otta, por me orientar nesse caminho turvo e encantador do mestrado; por sua interminável paciência, carinho e tato; e por me oferecer esta oportunidade única.

À Professora Dr.<sup>a</sup> Maria Emília Yamamoto, pelas oportunidades que sua coragem e dedicação proporcionaram a todos os integrantes do Instituto do Milênio de Psicologia Evolucionista.

Às professoras Patrícia Izar Mauro e Vera Silvia Raad Bussab, pela constante disponibilidade e atenção, sejam tanto para responder a dúvidas quanto para boa conversa.

Aos professores Carla Cristine Vicente e Renato da Silva Queiroz, pela inegável contribuição na banca de minha qualificação e por expandir meus horizontes.

À Gabriela Andrade da Silva, Lia Viegas e Marina Monzani da Rocha, pela amizade única e pela companhia nas extensas tardes e noites de estudo e risadas.

Ao meu parceiro nessa empreitada, Leonardo Antonio Marui Cosentino, um exemplo de companheirismo e generosidade.

Aos meus colegas pesquisadores: Altay Alves, Ana Karina, Carla Kawanami, Isabella Bertelli, José Henrique, Juliana Fiquer, Marco Varella, Marie-Odile Chelini, Marina Cechinni, Renata Pereira, pela mão amiga e conselho experiente de cada um.

A aqueles que me receberam em Natal de braços abertos: Wallisen Tadashi Hattori, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Fívia de Araújo Lopes e, especialmente, ao meu amigo Diego Macedo Gonçalves que me recebeu em sua família durante essa viagem fantástica.

Aos professores do Instituto de Psicologia, em especial Eduardo Ottoni, Fernando José Leite Ribeiro e Briseida Dôgo de Resende, pelas críticas, contribuições e conversas, oficiais e extra-oficiais.

Ao Instituto do Milênio de Psicologia Evolucionista, em especial aos responsáveis pelas coletas de dados em outros estados: André L. Ferreira, Angela Donato Oliva, Eulina da R. Lordelo, Marcos E. Pereira, Maria Lúcia Seidl de Moura, Maria M. P. Rodrigues, Mauro L. Vieira e Suemi Tokumaru, pelo apoio e confiança dados a um aluno de graduação em uma convenção de gente grande.

À Professora Dr.<sup>a</sup> Leda Cosmides e a David Pietraszewski, pois sua contribuição é diretamente responsável pelo sucesso desse projeto.

Ao Professor Dr. Cesar Ades e à Dr.<sup>a</sup> Marcia Melhado, por serem responsáveis pelos meus primeiros passos na pesquisa acadêmica e por mostrarem-me que um cientista nunca deve perder sua curiosidade.

À minha monitoranda Lia Levin e todos meus ex-monitorandos: foi graças a vocês que aprendi a ensinar.

À fotógrafa e artista Dani Gurgel, pela paciência e prontidão que atendeu meu pedido de ajuda nas fotos dos modelos.

Aos Funcionários do Departamento de Psicologia Experimental, Sônia e Ari, pela prontidão e pelos salvamentos.

Ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, minha segunda (ou primeira) casa nesses últimos sete anos de minha vida.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior pela concessão da bolsa de mestrado e inclusão no Programa Nacional de Cooperação Acadêmica, que possibilitou a realização de uma etapa de meu Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Psicobiologia, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Aproveito a oportunidade para agradecer a aqueles que estiveram do meu lado nos momentos mais variados e tiveram uma contribuição especial além da minha formação acadêmica.

Aos meus amigos de colégio e seus agregados, Adriano Feitosa, Angela Kajita, Bruno Lino, Eduardo Redoschi (e Bruna Lara), Ernst Helmutt, Fernanda Bertolaccini (e Caio Sasaki), Guilherme Pereira (e Daniel Pereira), Jonas Gaiarsa (e Roberta Galhardo), Michelle Weltman, Mônica Magalhães, Pedro Carneiro, Paula Leite (e Gabriel Leite), Paulo Dallari, Pedro Reis e Thomaz Napoleão (e Stella Ramos), por me mostrarem, continuamente, durante esses onze anos o verdadeiro significado de uma amizade.

A grandes amizades que encontrei na USP: Bruna Oliveira, Carol Hara, Cassia Gomes, Christian Haritçalde, Dario Guedes, Felipe Hashimoto, Gustavo Giolo, Lucas Napolitano, Lucas Nogueira, Marcia Kameyama, Marcio Berber, Nelson Lin e Nicole Crochik, dentre muitos outros. Especiais, todos.

A outras grandes amizades que adotei quando entraram na Psicologia: Fabiana Fonseca, Fabiana Marchiori, João Gonçalves, Juliana Gomes, Luciana Ono Shima, Raquel Zanelatto, e Renata Coelho. Tenho muito orgulho de vocês.

E por fim, é com grande carinho e especial atenção que agradeço à Luiza Azem Camargo, pois cada dia que passo com você me faz querer ser alguém melhor.



*“... until the colour of a man's skin is of no more significance than the colour of his eyes; that until the basic human rights are equally guaranteed to all without regard to race; that until that day, the dream of lasting peace and world citizenship and the rule of international morality will remain but a fleeting illusion, to be pursued but never attained...”*

Haile Selassie I

## RESUMO

Nascimento, L. L. S. e (2009) *Etnia e Coalizão: um estudo sobre categorização social em um contexto de conflito grupal*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

Para uma comparação intercultural das influências do contexto sobre a codificação de etnia, duas variações do Protocolo de Confusão de Memória (PCM) foram aplicadas em brasileiros. Ambas as variações consistem em uma exibição de slides de uma discussão entre duas equipes esportivas rivais, com membros negros e brancos em ambos os times, em duas condições: Controle (times com roupas de cores idênticas) e Experimental (times com roupas de cores distintas). As variações são: Traduzida, com fotos de jogadores de basquete usadas no experimento original e diálogo traduzido; e Adaptada, com fotos de brasileiros com camisetas de futebol e com o diálogo reelaborado visando consistência com o esporte. O estudo foi dividido em três fases: (I) exposição de 84 participantes, do estado de São Paulo ao PCM Traduzido (II) exposição de 569 participantes em sete estados brasileiros (BA, ES, MT, RJ, RN, SC, SP) ao PCM Traduzido (III) exposição de 77 participantes do estado de São Paulo ao PCM Adaptado. Na Fase I, a codificação etnia acompanhou o aumento da intensidade da codificação de coalizão (condição experimental), em contraposição ao experimento original (Kurzban *et al.*, 2001). Na Fase II, a codificação de etnia diminuiu de intensidade quando a codificação de coalizão aumentou, em taxa similar à da aplicação original, mas a codificação de coalizão manteve taxa mais baixa, em ambas as condições, em relação aos dados originais. Na Fase III os resultados em ambas as dimensões foram análogos aos da aplicação original. O conjunto de dados reforça a teoria da universalidade do módulo de codificação de coalizão e que a codificação de etnia seja subproduto deste. Também refletem a importância de uma adaptação cuidadosa em estudos interculturais.

Palavras-chave: Psicologia evolucionista, Psicologia Intercultural, Pesquisa intercultural, Classificação processos cognitivos, Formação de coalizão, Raça (antropologia), Grupos sociais

## ABSTRACT

Nascimento, L. L. S. e (2009) Ethnicity and Coalition: a study about social categorization in group conflict context. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009

For a cross-cultural comparison of context influences in ethnicity encoding, two variations of the Memory Confusion Protocol (MCP) were applied on Brazilians. Both variations consist in a slide-show exposition of a discussion between two rival teams, with black and white players on both sides, in two forms: Control (teams with identical grey colour) and Experimental (teams with different colours). The two variations were: Translated Only, with photographs of basketball players used in the original experiment, and the respective translated dialog; and Adapted, with photographs of Brazilian models with soccer uniforms and a re-elaborated dialog, more fitting to this sport. The research was divided, then, in three different phases: (I) a 84 participants experiment with the Translated MCP, in the state of São Paulo (II) a 569 participants experiment with the Translated MCP, in seven different Brazilian states (BA, ES, MT, RJ, RN, SC, SP); and (III) a 77 participants experiment with the Adapted MCP, in the state of São Paulo. In Phase I, the ethnicity encoding, contrary to the original experiment (Kurzban *et al.*, 2001), accompanied the intensity grown of the coalition encoding. In Phase II ethnicity encoding lowered in intensity during a the raise of intensity of coalition encoding, but coalition encoding kept a lower intensity, in both conditions, if compared to the original experiment coalition encoding rates. In Phase III, the results of both dimensions are analogue to those of the Kurzban *et al.*, 2001 experiment. The data obtained strengthens the theory of a universal coalition encoding module, and encoding ethnicity as a byproduct of it. The data also reveals the importance of a carefully planned adaptation in order to run cross-cultural studies.

Keywords: Evolutionary psychology, Cross-cultural psychology, Cross-cultural research, Classification (cognitive processes), Coalition formation, Race, Social groups

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Magnitudes de efeito da amostra do experimento original (EUA).....	30
Figura 2. Exemplos de fotografias usadas na Fase I nas Condições Controle (acima) e Experimental (abaixo).....	38
Figura 3. Exemplo de seqüência de slides do protocolo traduzido (Fases I e II).....	39
Figura 4. Exemplos de fotografias do Protocolo Adaptado – Fotos iniciais dos modelos.....	41
Figura 5. Exemplos de fotografias do Protocolo Adaptado – Condição Controle (acima) e Condição Experimental (abaixo).....	41
Figura 6. Exemplos de diferentes relações cabeça/corpo.....	42
Figura 7. Exemplo de seqüência de slides do protocolo adaptado (Fase III).....	45
Figura 8. Comparativo da magnitude de efeito das amostras da Fase I e do experimento original (EUA).....	52
Figura 9. Comparativo da magnitude de efeito das amostras da Fase II e do experimento original (EUA).....	56
Figura 10. Comparativo da magnitude de efeito das amostras das fases I e II.....	58
Figura 11. Comparativo da magnitude de efeito das amostras das fase I e III.....	60
Figura 12. Comparativo da magnitude de efeito das amostras das fases II e III.....	60
Figura 13. Comparativo da magnitude de efeito das amostras da Fase III e do experimento original (EUA).....	61

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 – Relação do número de participantes de cada estado para a Fase I .....	37
Tabela 2 – Comparação entre versões Traduzida e Adaptada.....	43
Tabela 3 – Teste t pareado do número de palavras em cada versão....	44

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>15</b>
1.1 Etnia: polêmicas e limites.....	18
1.2 Genes e Etnia.....	21
1.3 Codificação.....	23
1.4 A Psicologia Evolucionista.....	24
1.5 Protocolo de Confusão de Memória .....	27
1.6 A aplicação original.....	28
1.7 A aplicação brasileira.....	30
<b>2 OBJETIVOS.....</b>	<b>32</b>
2.1 Fase I.....	32
2.2 Fase II.....	32
2.3 Fase III.....	32
<b>3 PREDIÇÕES.....</b>	<b>33</b>
3.1 Fases I & II.....	33
3.2 Fase III.....	34
<b>4 METODOLOGIA.....</b>	<b>35</b>
4.1 Participantes.....	35
4.1.1 Fase I.....	35
4.1.2 Fase II.....	35
4.1.3 Fase III.....	35
4.2 Material.....	36
4.2.1 Fases I & II.....	36
4.2.1.1 Estímulos Visuais.....	36
4.2.1.2 Estímulos Verbais.....	37
4.2.1.3 Projeção.....	39
4.2.2 Fase III.....	39
4.2.2.1 Estímulos Visuais.....	39
4.3 Procedimento.....	45
4.4 Análise Estatística.....	47
4.4.1 Testes de efeito de coalizão e etnia.....	48
4.4.2 Magnitude de efeito.....	49

<b>5 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</b>	<b>50</b>
<b>5.1 Fase I.....</b>	<b>50</b>
<b>5.1.1 Codificação de Coalizão.....</b>	<b>50</b>
<b>5.1.2 Codificação de Etnia.....</b>	<b>53</b>
<b>5.2 Fase II.....</b>	<b>54</b>
<b>5.2.1 Codificação de Coalizão.....</b>	<b>54</b>
<b>5.2.2 Codificação de Etnia.....</b>	<b>56</b>
<b>5.3 Fase III.....</b>	<b>58</b>
<b>5.3.1 Codificação de Coalizão.....</b>	<b>58</b>
<b>5.3.2 Codificação de Etnia.....</b>	<b>60</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>62</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>64</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>68</b>
<b>APÊNDICE A – COMPARAÇÃO ENTRE VERSÕES TRADUZIDA E ADAPTADA DO PROTOCOLO DE CONFUSÃO DE MEMÓRIA.....</b>	<b>68</b>
<b>APÊNDICE B – FOTOS DE MODELOS DO PROTOCOLO ADAPTADO (FASE III).....</b>	<b>71</b>
<b>APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DO PROTOCOLO ADAPTADO (FASE III).....</b>	<b>72</b>
<b>APÊNDICE D – CADERNO DE RESPOSTAS DO PROTOCOLO ADAPTADO (FASE III).....</b>	<b>73</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>80</b>
<b>ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO DO PROTOCOLO TRADUZIDO (FASES I &amp; II).....</b>	<b>80</b>
<b>ANEXO B – CADERNO DE RESPOSTAS DO PROTOCOLO TRADUZIDO (FASE I).....</b>	<b>81</b>
<b>ANEXO C – CADERNO DE RESPOSTAS DO PROTOCOLO TRADUZIDO (FASE II).....</b>	<b>86</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Religião, nacionalidade, regionalidade, etnia, preferências esportivas, preferências musicais e muitas outras características grupais são constantes razões para embates e conflitos na sociedade humana. Tais tensões entre-grupos são parte do convívio em sociedade e muitas vezes as consideramos um preço a ser pago pela vida moderna. Esses conflitos podem nos alcançar através dos meios de comunicação, cruzando mares e continentes, ou surgir ao nosso lado, tanto no trabalho quanto em casa; mas raramente despendemos tempo para refletir sobre quão complexos eles podem ser, nem tão pouco nos perguntamos como, de um momento para outro, rivais no futebol se tornam aliados quando alguém critica a cidade em que ambos nasceram e foram criados.

O motivo pelo qual damos pouca importância a este assunto é que ele é parte de nossa convivência, já o conhecemos. Este é o momento em que o cientista intervém e pergunta se realmente compreendemos as razões e origens disso, questiona esse conhecimento sedimentado. Como escreveu Gaston Bachelard (1996), “o espírito científico é essencialmente uma retificação do saber” (p.120).

Talvez a busca dessa retificação do que já *conhecemos* seja um dos principais motivos pelo qual o comportamento grupal humano deva ser estudado. Relegar o fenômeno das relações sociais à banalidade é deixar de lado um fator potencialmente crucial na compreensão do comportamento humano como um todo. Não basta estudarmos apenas o comportamento humano em relação a outros indivíduos e a dinâmica da sociedade em suas subdivisões. Se nos limitarmos a isso é possível que nos falte um elo entre estas duas esferas tão fantásticas: o relacionamento do indivíduo com o grupo.



O relacionamento indivíduo-grupo inclui o endogrupo e o exogrupo. Tal divisão seria simples se o ser humano designasse pertença a apenas um grupo e seus subgrupos. Uma ilustração é o sistema de diretórios que encontramos em qualquer computador moderno: cada documento pode ser armazenado em uma única pasta e esta, por sua vez, apenas pode ser armazenada dentro de outra pasta maior; cada pasta pode conter um número incontável de documentos ou de subpastas, e estas subpastas outro número incontável de pastas e subpastas, e assim por diante. Ou seja, o indivíduo pode pertencer a um grupo e a incontáveis subgrupos dentro deste, desde que sigam uma ordem hierárquica do maior ao menor. Mas uma rápida elaboração de exemplos mostra como essa idéia é limitada: uma pessoa pode declarar pertença a vários grupos diferentes - esportivos, acadêmicos, sociais e familiares - e os membros desses grupos podem ser identificados como parceiros ou adversários grupais, dependendo da situação em questão sem qualquer ordem hierárquica a governá-los; para algumas pessoas a família é mais importante que os amigos, enquanto para outras o inverso ocorre, mas em ambas as situações um grupo não é uma subdivisão do outro, não se pode inserir uma pasta amigos dentro da pasta família, nem a pasta família dentro da de amigos. O modelo é insuficiente.

Sites de relacionamentos e redes sociais, como Orkut, são um melhor exemplo do dinamismo grupal: o indivíduo pode ingressar em vários grupos diferentes, e mesmo assim ser estranho a um número potencialmente infinito de outros grupos; seus amigos podem estar todos dentro do mesmo grupo, ou de vários grupos e podem pertencer a grupos que o indivíduo em questão sequer conhece. Mas esse exemplo tem, mesmo assim, uma limitação. Muitos grupos aos quais indivíduos estranhos pertencem não são nomeados por eles mesmos, mas pelo observador em questão. No caso do Orkut, o usuário é forçado a se identificar com o nome dado pelo criador da comunidade, se quiser

fazer parte dela, e a descrição da comunidade também foge de seu alcance e poder, suas impressões, apelidos e descrições não ficam explícitos, a menos que crie todos os grupos dos quais participa e o mesmo valeria para todos os outros usuários.

Um sistema de *tags* (etiquetas) poderia ser sugerido então, tendo o observador poder absoluto para designar um ou vários *tags* para cada um de seus conhecidos, e até para grupos de desconhecidos (ex:esquerdistas, direitistas...). Os usuários de alguns serviços de email já conhecem esse sistema: é um método dinâmico que permite classificar grupos, tanto conforme o conteúdo das mensagens, quanto conforme os emissores. A diferença é que os grupos não são auto-excludentes. Um email enviado entre irmãos pode ser categorizado tanto como “família” quanto “amigos”, e também pode ser categorizado como ambos. Talvez esse seja um sistema que mais se aproxime da nossa complexa interação com os grupos humanos, uma pessoa ou um grupo inteiro podem deixar de ser considerados amigos e passar a ser reconhecidos como família, ou se subdividir e alguns passarem para família enquanto outros se mantêm em amigos e alguns poucos podem ser identificados como ambos.

Pode ser que o leitor não veja dificuldade alguma em fazer tal transição amigos-família por ambos serem grupos de convívio nos quais, fora os conflitos do dia-a-dia, as pessoas têm laços de proximidade, constantes e de fácil explicação. Mas e quando começamos a separar as pessoas por características mais polêmicas, como sua etnia? No Brasil, devido às várias correntes migratórias ao longo de sua história, são comuns as conversas de pessoas descrevendo de onde exatamente ou aproximadamente provêm seus (suas) avôs (avós) e bisavôs (bisavós). Quando a questão étnica é levada para além dos círculos mais próximos, no entanto, as pessoas passam a reconhecer nisso um pensamento perigoso visando dividir o

grande grupo da Nação em pequenos e hostis “grupos raciais” (Medeiros, 2004).

### **1.1 Etnia: polêmicas e limites**

Recentemente, duas tentativas independentes para uma definição utilitária étnica foram duramente criticadas no Brasil. As principais críticas giraram tanto em torno da questão da validade ou não validade de seus objetivos, quanto sobre a questão dos conceitos propostos para essa definição. Ambas foram implementadas durante um momento inicial no qual alguns estados adiantaram-se a decisões federais sobre a instauração de políticas de Ações Afirmativas, para afro-descendentes (Vasconcelos, 2005).

Em ambas situações, os órgão responsáveis optaram pela reserva de vagas, no processo seletivo, para afro-descendentes. Essa medida, popularmente conhecida como “cotas”, é dentre é mais utilizadas dentre diferentes propostas de Ações Afirmativas (Vasconcelos, 2005) e é um dispositivo já utilizado na legislação brasileira para a promoção da igualdade de outros grupos desfavorecidos, por exemplo: mulheres, em candidaturas partidárias (lei 9.504/97) e portadores de deficiência para o preenchimento do quadro funcional de instituições públicas e particulares (leis 8.112/90 e Lei 8.213/91, vide Almeida, 2005, para revisão e outros exemplos).

Para Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e a lei implementada (lei 3.708/01), adotou critério similar ao definido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para a aplicação do censo brasileiro (Medeiros, 2004). Durante o preenchimento da ficha de inscrição, cada candidato teve total liberdade ao responder o quesito “cor” e de confirmar, ou não, seu interesse em disputar as vagas reservadas, em adição às vagas normalmente disputadas.

Esse método, embora muitas vezes reconhecido como um método menos polêmico em um país multi-étnico, foi duramente criticado por

não ter qualquer rigidez. Durante e após o período de inscrições desse vestibular emergiu um grande número de denúncias de fraudes, intensamente cobertas pela imprensa (Medeiros, 2004).

Ao invés de usar o critério auto-declaratório, a Universidade de Brasília (UnB) aprovou a formação de uma banca, cuja proposta foi utilizar fotografias dos vestibulandos para decidir se seriam aptos a receber tal benefício. Um incidente de grande repercussão nacional (Rosana & Leoleli, 2007) mostrou claramente a dificuldade para que seja realizada seleção similar em país com grande miscigenação: dois irmãos gêmeos univitelinos receberam classificações diferentes por esta banca, sendo um incluído no Programa por ser considerado afro-descendente e outro excluído do Programa por não ser assim considerado.

A validade ou não das Ações Afirmativas, *per se*, é uma questão polêmica e geradora de grandes estudos e publicações (Medeiros, 2004; Vasconcelos, 2005; e Almeida, 2005), além de ter grande destaque na mídia. Muitas vezes as Ações Afirmativas são consideradas como potenciais geradores de divisões previamente inexistentes. “Não somos racistas”, um livro escrito pelo jornalista Ali Kamel (2006), descreve que o conceito de raça é inexistente no Brasil e que tais políticas são uma importação de um conceito não aplicável na nossa sociedade, e que eliminariam todas as nuances características da nossa miscigenação. Na mesma reportagem que denunciou o incidente da banca da UnB, Rosana e Leoleli (2007) concluem que as Ações Afirmativas tiram do Brasil o privilégio de ser oficialmente cego em relação à cor da pele de seus habitantes, colocando o País sob o risco de ser mergulhado no ódio racial.

Já Carlos Alberto Medeiros (2004), também jornalista, em seu livro “Na lei e na raça: legislação e relações raciais, Brasil-Estados Unidos”, levanta argumentos da democracia racial: onde a miscigenação brasileira torna-se uma barreira ao preconceito, por ser

impossível distinguir quem é negro e quem é branco; e os contrapõe a dados reveladores da desigualdade racial presente na sociedade brasileira. Medeiros (2004) também realiza um levantamento dos argumentos mais comumente utilizados contra as ações afirmativas, tanto no campo do direito quanto no campo da sociologia e os discute extensamente.

Talvez por este ser um tema envolto constantemente em polêmicas, é comum que propostas de medidas ou até pesquisas sobre assuntos como raça e etnia, independentemente de sua validade, sejam recebidas com desconfiança. Jared Diamond (2005) afirma que o temor de que as conclusões venham a ser usadas por grupos racistas e etnocêntricos está na base dessa desconfiança; logo, os próprios motivos para o início dessas mediadas e pesquisas são colocados sob suspeição.

Essa atitude contra pesquisas nesse campo é muitas vezes vista como anti-científica, mas devemos admitir que a própria ciência teve sua parte no fortalecimento de tais conceitos. Durante muito tempo, a ciência ocidental, impulsionada pela divisão social (etnocêntrica) vigente determinou a relação de provas científicas que aconselhavam a manutenção do *status quo*: Gould (1992), em seu famoso livro “Darwin e os grandes enigmas da vida” dedica um capítulo (cap. 27) para contrapor duas teorias que defendiam, através de argumentos contraditórios, a superioridade do branco sobre o negro. A teoria da recapitulação defende que os indivíduos reproduzem, durante seu estágio embrionário, os estágios adultos de seus ancestrais (como as guelras e a cauda que o feto humano inicialmente apresenta) e a teoria da neotenia, que argumenta que o ser humano que os seres humanos se desenvolveram por reter seus traços juvenis. Curiosamente ambas as teorias argumentam a inferioridade do negro:

Os negros são inferiores, diz-nos Brinton [1890], porque retêm traços juvenis. Os negros são inferiores, defende, Bolk [1926], porque se desenvolveram para além dos traços que os brancos conservam. Duvido que alguém conseguisse elaborar dois argumentos mais contraditórios para apoiar uma mesma opinião. (p.211)

Fica claro que neste caso não foi a ciência que influenciou as atitudes raciais. Muito pelo contrário, foi a crença *a priori* na inferioridade negra que determinou a seleção preconceituosa de “provas”. (p.213)

Mas com o tempo essas posições “científicas” depararam-se com pesquisas sérias no campo da genética que derrubaram os argumentos de qualquer teoria que buscava dividir os humanos em raças.

## **1.2 Genes e Etnia**

Desde o surgimento das primeiras tecnologias que permitiam a decodificação dos genes e seus fatores, nos anos de 1960, geneticistas procuram por pistas e padrões que expliquem divisões de etnia, ditas como óbvias para o indivíduo comum (Jablonski, 2004). Como resultado de suas investigações a biogenética manteve um constante distanciamento do ‘senso-comum’. A variação genética intra-populacional revelou-se 10 vezes maior do que a variação genética entre-populações (Lewontin, 1972; Nei & Roychoudhury, 1982; Nei & Roychoudhury, 1993); em uma proporção matemática, a diferença genética entre dois vizinhos brancos, no bairro das Perdizes, chega a ser várias vezes maior do que a diferença genética entre um destes vizinhos e um indivíduo da aldeia Paranatin, de índios Parakanãs, no

sudeste do Pará. Na busca desta correlação (e divisão) das populações humanas por suas derivações genéticas, os geneticistas freqüentemente encontram classificações incoerentes com as teorias hereditárias que sustentaram grande parte dos grandes conflitos dos séculos XX e XXI. Ao dividir as populações humanas em grupos pela porcentagem de indivíduos portadores do alelo O (designação sanguínea ABO), australianos e sicilianos encontram-se em um grupo, enquanto suecos e etíopes unem-se em outro (Cavalli-Sforza, 1971; Graves, 2001; Nei & Roychoudhury, 1993; veja Cosmides *et al.*, 2003, para uma revisão).

Curiosamente, o *Homo Sapiens* está entre as espécies de animais com menor variabilidade genética entre indivíduos. Os chimpanzés, como base de comparação, com uma população muitas vezes menor do que a população humana, têm uma variabilidade genética entre indivíduos muitas vezes maior. Uma das teorias mais populares que buscam uma explicação para essa variabilidade genética surpreendentemente pequena é a teoria do *bottleneck* (gargalo), segundo a qual a espécie humana sofreu uma brusca diminuição populacional há cerca de 100 mil anos atrás, diminuindo assim o banco genético da espécie para aquele dos indivíduos sobreviventes; a retomada populacional só ocorreria, então, há 10 mil anos atrás, com o desenvolvimento da agricultura, pouco tempo para um aumento significativo da variabilidade genética da espécie (Pinker, 2003).

Mesmo com essa baixa variabilidade genética e diante das provas científicas de que o ser humano não pode ser dividido em raças ou subespécies, continuamos a dividir-nos e aos outros em grupos, seguindo títulos arbitrários. E esse fenômeno não escapou à percepção da comunidade científica.

### 1.3 Codificação

Já há algumas décadas essa percepção de divisões étnicas também foi alvo de inúmeras pesquisas e através da manipulação de variáveis ambientais, os cientistas procuravam pelos diferenciais que percebemos para designarmos pertenças. Sherif *et al.* (1961) comprovou que diferenças étnicas não são necessárias para eliciar o etnocentrismo. Uma simples pista de competição dividindo um grupo previamente homogêneo em grupos rivais, arbitrariamente definidos, é suficiente. Tal situação foi criada por Sherif e seus colaboradores em um experimento conhecido como *Caverna dos Ladrões*. Sherif e seus colaboradores dividiram um grupo de rapazes da mesma etnia em dois grupos, ao acaso. Após um período inicial no qual os membros dos grupos cooperavam, isolados do outro grupo, os pesquisadores permitiram que os grupos se encontrassem e introduziram elementos de competição. Como resultado os participantes passaram a designar o outro grupo como uma aliança rival e aceitaram a competição proposta como uma situação de disputa “nós versus eles”. O resultado foi uma situação de grande aversão e atitudes desfavoráveis entre elementos de grupos diferentes, em que desde estereótipos negativos até a negação de recompensas eram dirigidos aos adversários.

A codificação por coalizão, em muitos contextos sócio-históricos aparenta ser análoga à codificação por etnia; não só conflitos étnicos (Brewer, 1979; Chiot e Seligman 2001), mas instabilidade de instituições democráticas (Rabushka and Shepsle 1972) e guerras (Dennen, 1995) ocorrem em função de grupos étnicos que representam grandes parcelas das populações envolvidas, mesmo que as causas desse conflito tenham origens muito mais abrangentes do que essa simples divisão (Hammond & Axelroad, 2006). Dentre os elementos de definição entre grupos étnicos existem grandes grupos de características compartilhadas: verbal (língua, dialeto ou sotaque), cultural (religião, tradição) e visual (vestimenta, cor da pele ou traços



genéticos); grande parte delas é estabelecida arbitrariamente e considerada um indicador de descendência comum.

Diante de demonstrações de que o conceito de “nós versus eles” poderia ser tão facilmente manipulado, no sentido de criar novos preditores de coalizão, pesquisadores iniciaram uma busca pelo exato oposto: contextos manipuláveis que eliminassem, ou ao menos diminuíssem o efeito desses preditores de coalizão já encontrados. Nessa busca, vários contextos foram testados, mas muitos pesquisadores não encontraram nenhum (Taylor et al., 1978; Hewstone, Hantzi & Johnston, 1991; Stangor et al., 1992). Será que haveria mecanismos mentais desenhados para codificar categorias étnicas de forma automática e obrigatória, não importando o contexto? Será que, ao invés de historicamente arbitrário ou culturalmente contingente, o mecanismo de distinção de categorias étnicas estaria embutido na arquitetura da mente humana? (Brewer, 1988; Fiske & Neuberg, 1990; Messick & Mackie, 1989; Hamilton, Stroessner & Driscoll, 1994; Cosmides, 2003)

A Psicologia Evolucionista oferece uma alternativa a este questionamento; todas essas descobertas seriam uma expressão de um conjunto de programas típicos de nossa espécie, programas selecionados de modo à regular a cooperação intragrupo e o conflito entre grupos no mundo desaparecido de nossos ancestrais caçador-coletores. Estes seriam apenas alguns de muitos outros programas, chamados módulos mentais, que seriam as estruturas elementares da mente humana (Tooby & Cosmides, 1988; Kurzban, Tooby & Cosmides, 2001; Cosmides, Tooby & Kurzban, 2003).

#### **1.4 A Psicologia Evolucionista**

Sendo uma disciplina originária da síntese entre a Psicologia Cognitiva e a Biologia Evolutiva, a Psicologia Evolucionista busca a

relação entre biologia e cultura através da compreensão da arquitetura mental humana (Cosentino, 2007). Essa perspectiva teórica fundamenta-se na lógica dos mecanismos de seleção natural e seleção sexual propostos pelo naturalista Charles Darwin (1859/2009, 1871/1974). A seleção natural é a teoria mais conhecida de Darwin e é explicada por Gould (1992) da seguinte maneira:

... a base da seleção natural é a expressão da simplicidade: dois fatos inegáveis e uma conclusão inevitável

1. Organismos variam, e essas variações, são herdadas (pelo menos em parte) por seus descendentes.
2. Os organismos produzem mais descendentes do que aqueles que podem sobreviver
3. Na média, a descendência que varia com mais intensidade em direções favorecidas pelo meio ambiente sobreviverá e se propagará. Variações favoráveis, portanto, crescerão na população através da seleção natural. (p.1)

Ou seja, a seleção natural não se trata simplesmente da sobrevivência do mais forte, mas da propagação do mais apto.

Porém Darwin não acreditava na força exclusiva da seleção natural sobre a evolução, em 1871 ele lança uma teoria complementar, a da seleção sexual, um processo seletivo baseado na competição intra-sexual e na escolha intersexual, onde as diferentes estratégias reprodutivas empregadas por ambos os sexos representam um diferencial em seu sucesso reprodutivo (Pinker 1997; 2003).

A Psicologia Evolucionista propõe que estruturas chamadas de módulos mentais compõem a mente humana e são tão fruto da seleção como os órgãos que constituem nosso corpo físico. As mesmas pressões seletivas que criaram órgãos tão fascinantes e complexos como nossos olhos e ouvidos, também foram as responsáveis pela

criação das estruturas mentais por trás desses dos mesmos. E essa proposta implica, necessariamente, na existência de uma similaridade entre as funções dos módulos mentais de toda espécie humana, independentemente da cultura. Assim como nossos órgãos possuem funções similares, independentemente de nossa dieta (Pinker, 1997)

Dentre os módulos reguladores da interação indivíduo-grupo, Kurzban *et al.* (2001) e Cosmides *et al.* (2003) teorizam que haja uma função específica para identificação de traços que indiquem pertença de um indivíduo a um grupo, ou seja, este módulo designaria cada indivíduo a um grupo de aliados (endogrupo) ou de rivais (exogrupo).

Até o momento o raciocínio não parece excluir a possibilidade de que a mente humana tenha um “módulo preconceituoso”. Mas devemos levar em conta que tal mecanismo só seria selecionado se apresentasse alguma vantagem relativa ao organismo em questão. Segundo Cosmides *et al.* (2003) tal mecanismo seria inútil, uma vez que, em nosso ambiente ancestral, a etnia seria uma dimensão geograficamente irrelevante: uma vez que o raio de locomoção de nossos antepassados seria menor de 150 km.

Mas o que levaria, então, as pessoas a codificarem etnia tão facilmente? Talvez ela fosse um subproduto de outra função mental que seria relevante no Ambiente de Adaptação Evolutivo (Gould, 1997), a codificação de grupo (coalizão)

Para investigar essa possibilidade, Leda Cosmides e John Tooby uniram-se a Robert Kurzban e elaborarão um experimento utilizando uma proposta inovadora, o Protocolo de Confusão de Memória (Ridley, 2004).

### 1.5 Protocolo de Confusão de Memória

O protocolo de confusão de memória (ou, paradigma *Quem disse o que?*) foi desenvolvido por Taylor *et al.* em 1978, e usa erros de memória para discretamente revelar se os participantes estão categorizando os indivíduos alvo usando uma dimensão de interesse, como etnia ou sexo. É formado por duas etapas. Na Etapa 1, os participantes são informados que verão uma apresentação de alguns indivíduos engajados em uma conversação, e que eles devem tentar formar uma impressão sobre cada indivíduo. Mostra-se, então, uma série de fotos de indivíduos, cada uma delas pareada com uma frase que teria sido dita por aquele indivíduo durante a conversação (o pareamento de fotos e frases é pré-definido, de modo que não haja conflitos entre as *falas* do mesmo indivíduo). Os indivíduos apresentados nas fotos diferem entre si em relação a uma ou mais dimensões de interesse: etnia, sexo, idade, etc. No final desta fase é realizada uma tarefa de distração, para eliminar os efeitos da proximidade temporal. A Etapa 2 consiste em um teste de memória no qual são apresentadas, em ordem aleatória, ao participante, cada uma das sentenças que formam a conversação exibida na Etapa 1. Pede-se que o participante informe qual foi o indivíduo a proferiu. Esta tarefa tipo *Quem disse o que?* é difícil e os participantes podem cometer muitos erros. Ao analisar o padrão dos erros o experimentador pode dizer se o participante codificou, durante a Etapa 1, uma das categorias de interesse ou se não a codificou. Por exemplo, se os participantes codificaram o sexo dos indivíduos durante a Etapa 1, seus erros na Etapa 2 não ocorrerão ao acaso: eles mostrarão uma maior propensão a atribuir, erroneamente, uma frase proferida por um homem a outro homem ao invés de atribuí-la a uma mulher (e vice versa). Em contraste, os participantes que não codificaram sexo durante a Etapa 1

irão produzir erros ao acaso em relação a essa categoria na Etapa 2. O mesmo aconteceria com outras dimensões, caso inseridas.

### **1.6 A aplicação original**

Em 2001, no trabalho “Can race be erased? Coalitional computation and social categorization”, *Kurzban, Tooby e Cosmides* usaram o protocolo de confusão de memória (Taylor, Fiske, Etcoff & Ruderman, 1978; Klauer & Wegener, 1995) para mensurar, de forma discreta, a categorização social.

Kurzban *et al.* (2001) manipularam a dimensão etnia no protocolo através de fotos de oito jovens vestidos com uniformes (jerseys) de dois times de basquete diferentes. Os participantes foram informados que os jogadores pertenciam a times rivais que tiveram uma briga na temporada anterior, e que suas frases foram extraídas de uma discussão entre representantes dos dois grupos. Uma sequência de vinte e quatro frases, cujos conteúdos eram antagonísticos e de coalizão, foram apresentadas como se fossem uma sequência de frases em uma conversa exaltada. Acompanhando cada sentença, foi exibida a foto do jogador que a teria proferido (8,5 segundos para cada par foto/frase; 3 frases por jogador). As frases atribuídas sugeriam afiliação a uma das duas coalizões antagonísticas. Em nenhum momento a etnia foi correlacionada com pertença a um time (cada time tinha 2 membros negros e 2 brancos). Na condição 1, a única forma de inferir a coalizão dos membros foi através de pistas verbais de aliança. Na condição 2, uma pista de aparência partilhada foi adicionada: cada time tinha uma cor de uniforme diferente, vermelho ou amarelo. Assim, na condição 2, uma marcação de coalizão altamente visível foi correlacionada com os padrões de cooperação e conflito que emergiram no curso da discussão. Em nenhum momento os sujeitos foram instruídos a observar a coalizão dos membros.

Ao analisar os resultados, Kurzban *et al.* (2001) chegaram à conclusão que os participantes automaticamente codificaram a coalizão dos jogadores em ambas as condições experimentais, mas na condição 2, quando a pista de aparência partilhada (cor da camiseta) foi adicionada, a codificação da coalizão aumentou dramaticamente: a magnitude de efeito para codificação de coalizão aumentou de  $r = 0,31$  na condição 1 para  $r = 0,79$  na condição 2 (vide Figura 1).

Os pesquisadores também chegaram à conclusão de que os resultados mostraram que a codificação de etnia não é obrigatória. Quando a codificação da coalizão foi aumentada pela pista de aparência partilhada, houve um decréscimo na codificação de etnia: de uma magnitude de efeito de  $r = 0,67$  para  $r = 0,49$  (vide Figura 1).

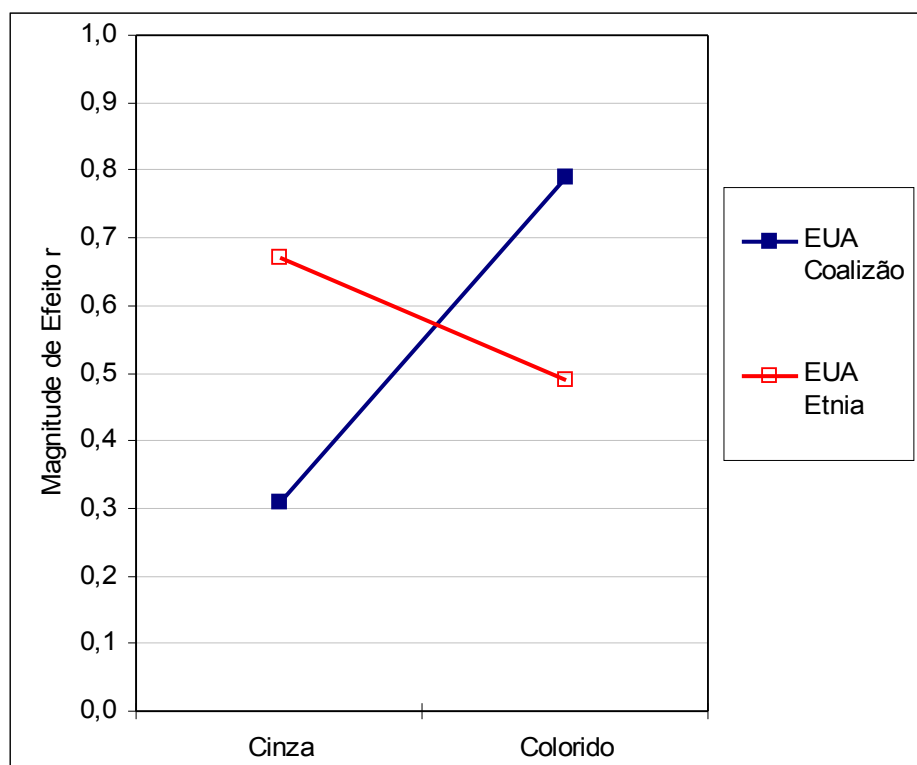


Figura 1. Magnitudes de efeito da amostra do experimento original (EUA)

### 1.7 A aplicação brasileira

Como parte do Instituto do Milênio de Psicologia Evolucionista, do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Maria Emília Yamamoto da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), tive a oportunidade de integrar uma equipe de pesquisadores de dez universidades, em nove diferentes estados brasileiros. Em colaboração com a Prof.<sup>a</sup> Leda Cosmides, da Universidade da Califórnia – Santa Bárbara (UCSB), co-autora do experimento de Kurzban *et. al.* (2001), a equipe decidiu por aplicar o mesmo protocolo utilizado por Kurzban *et. al.* (2001) em sete estados diferentes (Bahia, Espírito Santo, Mato Grosso, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Santa Catarina e São Paulo). O objetivo dessa aplicação seria obter resultados análogos aos do experimento de Kurzban *et. al.* (2001), demonstrando a universalidade do proposto módulo de codificação de coalizão. A diferença entre os índices de miscigenação brasileiros e estadunidenses e a diferença da expressão do preconceito étnico (Medeiros, 2004) entre os dois países torna essa comparação ideal, na busca de mais indícios sobre funcionamento e existência dos módulos mentais.

Com este objetivo ambicioso, a equipe deparou-se com um dilema para a adaptação do protocolo: (1) utilizar os mesmos estímulos (fotos de jogadores de basquete) e traduzir o texto, buscando maior fidedignidade ao experimento original; ou (2) adaptar tanto estímulos quanto texto para uma situação culturalmente análoga (fotos de jogadores de futebol e texto recriado, condizente com o novo esporte), criando, na prática, um novo experimento, mas com maior relevância cultural para os participantes.

A equipe optou por uma aplicação do Protocolo de Confusão de Memória traduzido, com as fotos originais, em sete estados brasileiros (Bahia, Espírito Santo, Mato Grosso, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Santa Catarina, São Paulo) e por uma aplicação, com uma

amostra menor, do Protocolo Adaptado, com fotos de jogadores de futebol e texto recriado, no estado de São Paulo.

Em parceria com Leonardo Antonio Marui Cosentino, da Universidade de São Paulo, também orientado pela Prof.<sup>a</sup> Emma Otta, participei da coleta e análise de dados da Fase I (Protocolo Traduzido) em São Paulo. Mais tarde tivemos a oportunidade de, em parceria com Diego Macedo Gonçalves, da UFRN, este orientado pela Prof.<sup>a</sup> Maria Emília Yamamoto, realizar as análises estatísticas comparativas de todos os dados coletados no Brasil, a Fase II.

A Fase III, criação e aplicação do Protocolo Adaptado no Estado de São Paulo, ficou sob minha responsabilidade.



## **2 OBJETIVOS**

### **2.1 Fase I**

Aplicar o Protocolo de Confusão de Memória do estudo de Kurzban *et al.* (2001) traduzido numa amostra do estado de São Paulo, visando obter dados comparativos com o estudo original, realizado na cidade estadunidense de Santa Bárbara, Califórnia.

### **2.2 Fase II**

Unir os dados da amostra paulista com os de amostras de seis outros estados brasileiros (Bahia, Espírito Santo, Mato Grosso, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Santa Catarina), visando incrementar os dados para uma comparação com o estudo original.

### **2.3 Fase III**

Criar uma adaptação brasileira do estudo de Kurzban *et al.* (2001), mais próxima de nossa cultura, e aplicá-la no Estado de São Paulo, visando obter dados comparativos com as replicações brasileiras e com os dados originais, obtidos em Santa Bárbara.

### **3 PREDIÇÕES**

#### **3.1 Fases I & II**

1. Como no experimento original, a etnia não será codificada com a mesma intensidade em ambos os contextos. A intensidade da codificação de etnia diminuirá na presença de uma pista de aparência partilhada.
2. A pista de aparência partilhada não será essencial para que haja uma codificação de coalizão. Essa codificação ocorrerá nos contextos com e sem pista de Aparência Partilhada. Na ausência de pista de Aparência Partilhada, a codificação de coalizão será feita através de pistas verbais apenas. Neste último caso, a codificação será de menor intensidade.
3. O uso do basquete como contexto gerador do conflito, implicará em resultados de menor intensidade, em ambas as dimensões (coalizão e etnia), em relação aos resultados do experimento original. A razão é motivacional: baixo envolvimento dos participantes com a tarefa, pelo fato do basquete, no Brasil, não ser um esporte tão mobilizador quanto é nos Estados Unidos.
4. Os resultados da amostra de São Paulo serão equivalentes aos resultados do conjunto das amostras brasileiras.

### **3.2 Fase III**

5. A adaptação do contexto gerador do conflito, para o futebol, resultará em maior envolvimento dos participantes. Isso gerará maiores intensidades de codificação na dimensão de coalizão e maior variação de intensidades na dimensão de etnia, produzindo resultados mais próximos daqueles do experimento de Kurzban et al. (2001).

## **4 METODOLOGIA**

### **4.1 Participantes**

#### ***4.1.1 Fase I***

A amostra foi constituída por 84 estudantes universitários (40 homens e 44 mulheres) com idades entre 17 e 22 anos, graduandos de uma universidade pública do Estado de São Paulo.

#### ***4.1.2 Fase II***

Em segundo momento a amostra de São Paulo foi somada a amostras de seis outros estados brasileiros, em um total de 569 indivíduos (280 homens e 289 mulheres, a relação dos números de participantes para cada estado pode ser vista na Tabela 1) com idades entre 17 e 58 anos, de nível superior incompleto, ou melhor educação. Esses outros estados foram Bahia, Espírito Santo, Mato Grosso, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte e Santa Catarina; a equipe do Estado do Pará não pode realizar a coleta por problemas técnicos.

#### ***4.1.3 Fase III***

A amostra foi constituída por 77 estudantes universitários (38 homens e 39 mulheres) com idade entre 17 e 25 anos, graduandos de

uma universidade pública do Estado de São Paulo (os participantes são todos da mesma universidade que os participantes da Fase I).

Tabela 1 – Relação do número de participantes de cada estado para a Fase I

Estado	Homens	Mulheres	Total
Bahia	39	45	84
Espírito Santo	40	44	84
Mato Grosso	41	38	79
Rio de Janeiro	40	40	80
Rio Grande do Norte	40	38	78
São Paulo	40	44	84
Santa Catarina	40	40	80

## 4.2 Material

### 4.2.1 Fases I & II

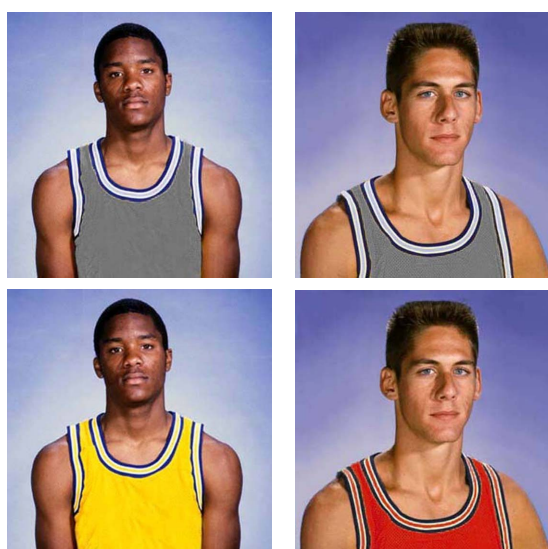
#### 4.2.1.1 Estímulos Visuais

Compostos de 8 (oito) fotos de cabeça e parte superior do dorso de jovens americanos – 4 (quatro) negros e 4 (quatro) brancos – vestidos com jerseys (uniformes de basquete) em cores únicas e sem estampa (vide exemplos na Figura 2). Em todos os casos, cada time foi composto por dois atletas negros e dois atletas brancos. Para a Condição Experimental as *jerseys* tinham cores vermelho e amarelo, de acordo com os respectivos times; enquanto para a Condição Controle todas as jerseys tiveram suas cores alteradas para cinza. Todas as alterações foram realizadas através do programa de manipulação de imagens Adobe Photoshop (Adobe Systems, Mountain View, EUA) e as

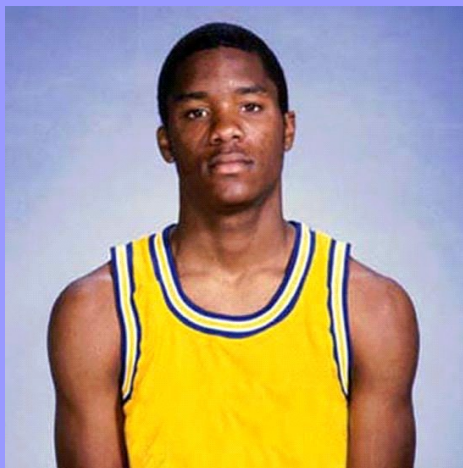
imagens foram as mesmas originalmente usadas no experimento de Kurzban *et al.* (2001).

#### *4.2.1.2 Estímulos Verbais*

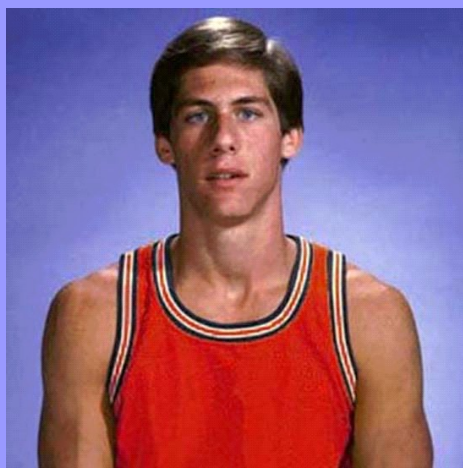
Os estímulos verbais consistem de uma seqüência de 24 frases simulando uma discussão entre jogadores de dois times de basquete adversários. As frases foram traduzidas do experimento de Kurzban *et al.* (2001) pela Prof.<sup>a</sup> Emma Otta, e revisadas pelo Prof. Fernando Leite Ribeiro. Ambos são integrantes da equipe do projeto Instituto do Milênio de Psicologia Evolucionista, do CNPq, sob a coordenação da Prof.<sup>a</sup> Maria Emília Yamamoto, da UFRN, e todo processo foi realizado em intensa colaboração com a Prof.<sup>a</sup> Leda Cosmides, da UCSB, co-autora do experimento citado. Exemplos das frases, já inseridas nos slides, podem ser vistos na Figura 3, e todas as frases, na respectiva seqüência em que são exibidas estão disponíveis no Apêndice A.



*Figura 2.* Exemplos de fotografias usadas na Fase I nas Condições Controle (acima) e Experimental (abaixo)



**Você não pode estar falando sério. Nós pelo menos não jogamos como vocês. Vocês jogam como meninos do colegial.**



**E vocês jogam como se estivessem no zoológico, que aliás é onde vocês deveriam estar.**

Figura 3. Exemplo de sequência de slides do protocolo traduzido (Fases I e II)

#### **4.2.1.3 Projeção**

Projektor multimídia conectado a computador contendo programa de exibição de *slide* multimídia.

### **4.2.2 Fase III**

#### **4.2.2.1 Estímulos Visuais**

Compostos de 8 (oito) fotos de cabeça e parte superior do dorso de jovens brasileiros – 4 (quatro) negros e 4 (quatro) brancos – vestindo camisas de futebol. Em todos os casos, cada time foi composto por dois atletas negros e dois atletas brancos. Para a Condição Experimental as camisas tiveram suas cores alteradas para vermelho e amarelo, de acordo com seu respectivo time; enquanto para a Condição Controle todas as camisas tiveram suas cores alteradas para cinza. Todas as alterações foram realizadas utilizando-se de um programa de manipulação de imagens (GIMP - GNU Image Manipulation Program; Spencer Kimball, Peter Mattis e equipe de desenvolvedores do GIMP, EUA).

As imagens utilizadas no Protocolo Traduzido retratam jovens americanos vestidos com jerseys (uniformes de basquete) em cores únicas e sem estampa (vide exemplos na Figura 2 pág. 37); com o objetivo de contornar os problemas esperados na Predição 3 (como descritos na página 33) foram feitas imagens semelhantes, mas de jovens brasileiros vestidos com uniformes de futebol. Esperou-se evitar a falta motivação aos participantes em acompanhar uma discussão sobre um esporte pouco popular, uma possível fonte geradora de ruído nos resultados. Exemplos das fotos iniciais e do resultado da manipulação podem ser vistos nas Figura 4 e 5, respectivamente.



Todas as imagens resultantes da manipulação estão disponíveis no Apêndice B.



*Figura 4.* Exemplos de fotografias do Protocolo Adaptado – Fotos iniciais dos modelos



*Figura 5.* Exemplos de fotografias do Protocolo Adaptado – Condição Controle (acima) e Condição Experimental (abaixo)

Na busca de uma adaptação mais fidedigna possível, em forma, para o Protocolo Adaptado, foi constatado que as imagens do Protocolo Traduzido apresentam dois padrões de relação cabeça/corpo, como

pode-se perceber na Figura 2, p. 37. Para maior precisão, calculou-se a relação entre o tamanho da cabeça e o total da figura, em pixels: os dois padrões emergiram como dois conjuntos imagens, um com a relação maior de 0,50 ( $M = 0,56$ ) e outro com a relação menor de 0,50 ( $M=0,42$ ), com uma distribuição idêntica do número de imagens e de modelos de cada etnia, para cada conjunto. Portanto, as imagens do Protocolo Adaptado foram divididas também em dois conjuntos de número igual (e com a mesma distribuição de modelos de cada etnia). Cada grupo teve suas imagens recortadas de acordo com uma das duas médias citadas, a diferença resultante pode ser vista nas figuras 6 e 7 (p.44).

Com o mesmo objetivo de fidedignidade, os exatos fundos das imagens do Protocolo Traduzido foram extraídos através de manipulação de imagens e aplicados no fundo das fotos dos modelos brasileiros.



*Figura 6. Exemplos de diferentes relações cabeça/corpo*

#### 4.2.2.2 Estímulos Verbais

Os estímulos verbais são formados por uma sequência de 24 frases que simulam uma discussão entre jogadores de dois times de futebol adversários. Embora o Estímulo Verbal já traduzido para a aplicação desse trabalho não contenha pistas explícitas sobre qual o esporte abordado na discussão, decidiu-se por uma total reconstrução do mesmo para que fossem inseridas expressões mais naturais ao esporte em questão. Os diálogos foram inspirados em filmagens de discussões, ofensas e brigas dentre profissionais do futebol brasileiro. Durante a adaptação, também se tentou manter uma coerência com a versão traduzida, criando um diálogo análogo, dentro de certos limites.

Para garantir tal analogia entre os diálogos, traduzido e adaptado, procurou-se também manter características que possam afetar o processo mnemônico do protocolo, como o número total de palavras e a média de palavras por frase (vide Tabela 2). Acreditamos que a sequência de frases não poderia conter um número de palavras maior, comparativamente, sob o risco de criar uma carga maior na memória do participante e, potencialmente, diminuir o número de acertos do mesmo. Também levamos em conta a Mediana e o Desvio Padrão da média do número de palavras por frase, com o objetivo de verificar se as palavras estão distribuídas de modo similar em ambas as versões.

Tabela 2 – Comparação entre versões Traduzida e Adaptada

Palavras	Original	Adaptação
Total	378,00	381,00
Média	15,75	15,88
Mediana	15,00	15,00
DP	5,64	5,70

Por fim, para garantir que não houvesse diferença significativa entre cada frase do protocolo, foi realizado um Teste *t* pareado, usado para comparar as médias de duas variáveis ou características para uma mesma amostra, normalmente em situação antes – depois (Cozby, 2003). Ou seja, uma comparação direta do número de palavras de cada frase, em cada versão do protocolo (Tabela 3).

Tabela 3 – Teste *t* pareado do número de palavras em cada versão

	Média	DP	<i>t</i>	<i>p</i>
Traduzido – Adaptado	0,12	3,98	0,154	0,879

\**p* < 0,05, \*\**p* < 0,001

A partir da similaridade dos dados na Tabela 2 e da indicação de ausência de uma diferença significativa, como indicado na Tabela 3, do número de palavras utilizadas no instrumento, pode-se chegar à conclusão de que o aspecto da carga mnemônica e a sua distribuição pelas frases não apresenta diferença suficiente para se tornar uma variável na comparação entre as versões adaptada e traduzida deste experimento.

#### 4.2.2.3 Projeção

Projeto multimídia conectado a computador contendo programa de exibição de *slide* multimídia.



**E você quer jogar onde? No juvenil? Lá vocês podem chorar no colo da mãe. Isso aqui é jogo de homem!**



**Aquilo não era jogo, não tinha nada, só falta! Era toda hora bola parada. Isso não é pelada na favela.**

*Figura 7.* Exemplo de sequência de slides do protocolo adaptado (Fase III)

### 4.3 Procedimento

Para todas as fases, foi usado um procedimento análogo ao de Kurzban et al. (2001). Para melhor identificarmos a codificação (de coalizão e de etnia), utilizamos o mesmo Protocolo de Confusão da Memória (Taylor et al. 2001).

Os participantes foram convidados a participar de um experimento para estudar percepções sociais. A aplicação foi realizada em grupos de no máximo cinco indivíduos, em uma sala isolada e sem interferência externa. As instruções e as fotos foram projetadas através de um projetor multimídia, com tempo pré-determinado de exposição de cada um dos estímulos.

O Protocolo foi composto de três etapas:

*Etapa 1 – Leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido:* O aplicador distribuía, para cada participantes, duas vias de igual teor do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (nomeado Termo de Consentimento Informado nas Fases I e II) e acompanhava a leitura, dispondo-se a responder quaisquer dúvidas que surgissem sobre a natureza do experimento. O modelo de termo utilizado para as Fases I e II e o termo usado para a Fase III estão disponíveis no Anexo A e no Apêndice B, respectivamente.

*Etapa 2 – Apresentação de Estímulos:* Pedia-se aos participantes para que formassem impressões sobre os indivíduos projetados na apresentação. Eles também foram informados de que cada um dos indivíduos pertencia a um de dois times rivais, que recentemente haviam se enfrentado em um jogo violento, e que as frases, que acompanhavam as fotos, eram fruto de uma discussão, posterior a esse jogo,

mas anterior a uma segunda partida prevista entre os times. Juntamente com as fotos, 24 frases, de conteúdos antagônicos e de coalizão, foram apresentadas em seqüência, simulando uma discussão exaltada. Cada foto foi pareada com três frases e todos os *slides* tinham o mesmo tempo pré-determinado de exposição (8,5 segundos).

A tarefa de distração usada foi a mesma do experimento de Kurzban *et al.* (2001): um conjunto de oito fotos, em pares quase idênticos, sendo cada par repetido três vezes em seqüência. O participante foi instruído para identificar a diferença entre os pares, como no Jogo dos Erros.

*Etapas 3 – Teste de Memória:* Foi entregue aos participantes uma lista com as sentenças proferidas pelos jogadores, seguida de uma exibição do conjunto das fotos destes, numeradas de um a oito. Pedia-se aos participantes que identificassem as frases ditas por cada jogador escrevendo o número correspondente ao mesmo numa lacuna à frente da frase. Os cadernos de resposta usados para as Fases I, II e III estão disponíveis nos Anexos B e C e no Apêndice C, respectivamente.

O estudo foi composto, portanto, de duas situações de pista de Aparência Partilhada (AP): Ausente (Condição Controle) e Presente (Condição Experimental). Na Condição Controle, com AP ausente, como todos os jogadores vestiam *jerseys* cinza, a única forma de inferir a coalizão dos membros eram as pistas verbais de aliança. Na Condição Experimental, com AP presente, foi criada uma marcação de coalizão de alta visibilidade, correlacionada com os padrões de coalizão verbal (conflito em relação ao exogrupo e fidelidade em

relação ao endogrupo). Em nenhum momento os participantes foram instruídos a observar a coalizão ou a etnia dos modelos.

#### **4.4 Análise Estatística**

Como já detalhadamente explicado em seção específica da introdução (p. 27), o Protocolo de Confusão de Memória utiliza os erros realizados pelos participantes na etapa do Teste de Memória. Por serem oito fotos diferentes, divididas igualmente em duas dimensões (coalizão e etnia), os participantes podiam cometer quatro tipos diferentes de erro:

*Erro 1* - Confundir jogadores da mesma Etnia e da mesma Coalizão

*Erro 2* - Confundir jogadores de diferente Etnia e da mesma Coalizão

*Erro 3* - Confundir jogadores da mesma Etnia e de diferente Coalizão

*Erro 4* - Confundir jogadores de diferente Etnia e de diferente Coalizão

Para cada sentença, na Etapa do Teste de Memória, há uma foto correta, uma foto para o Erro 1 e duas fotos para cada um dos outros três tipos de erros. Com o objetivo de compensar a menor probabilidade de confusão entre jogadores da mesma Etnia e mesma Coalizão, pela condição inicial de existirem menos alternativas, as médias dos outros tipos de erro foram divididas por dois, seguindo a recomendação da literatura (Kurzban *et al.*, 2001).



#### **4.4.1 Testes de efeito de coalizão e etnia**

Para extrair o efeito de cada uma das dimensões, é necessário comparar o número de erros intra-categorias com o número de erros entre categorias da dimensão de interesse. Como essa é uma comparação de médias de duas variáveis de uma mesma amostra, é aconselhável o uso do teste *t* pareado (Cozby, 2003). Essa mesma abordagem foi utilizada por Kurzban *et al.* (2001), na aplicação estadunidense.

No caso do Efeito de Coalizão os erros intra-categorias são aqueles em que o participante confundiu jogadores da mesma Coalizão, ou seja, Erro 1 (mesma Etnia, mesma Coalizão) e Erro 2 (diferente Etnia, mesma Coalizão), enquanto os erros entre categorias são aqueles que o participante confundiu jogadores de diferentes coalizões, ou seja, Erro 3 (mesma Etnia, diferente Coalizão) e Erro 4 (diferente Etnia, diferente Coalizão). Antes de realizar a comparação, os tipos de erro 2, 3, e 4 devem ser corrigidos, dividindo-os por dois. Então o teste *t* pareado para Efeito de Coalizão traduz-se da seguinte forma (Erro 1 + Erro 2 corrigido) vs. (Erro 3 corrigido + Erro 4 corrigido).

A extração do Efeito de Etnia ocorre de modo semelhante, mas com a mudança de dimensão deve haver uma reorganização dos erros. Os erros intra-categoria passam a ser o Erro 1 (mesma etnia, mesma coalizão) e o Erro 3 (mesma etnia, diferente coalizão), enquanto os erros entre categorias passam a ser o Erro 2 (diferente etnia, mesma coalizão) e o Erro 4 (diferente etnia, diferente coalizão). Com as devidas correções, o teste *t* pareado para Efeito de Etnia traduz-se como (Erro 1 + Erro 3 corrigido) vs. (Erro 2 corrigido + Erro 4 corrigido).

#### **4.4.2 Magnitude de efeito**

O índice  $t$  tem grande dependência do tamanho da amostra, algo que dificulta a comparação das aplicações das diferentes fases. Com o objetivo de superar essa dificuldade, o resultado do teste  $t$  é convertido em uma magnitude de efeito  $r$ . Mais uma vez, em abordagem análoga a de Kurzban *et al.* (2001).

A magnitude de efeito  $r$  é um índice de valor entre 0,00 e 1,00 que nos permite descrever com maior facilidade a intensidade de codificação de cada uma das dimensões em questão. Correlações entre 0,10 e 0,20 são consideradas indicadoras de efeito pequeno, entre 0,20 e 0,40 são consideradas indicadoras de efeito médio e superiores a 0,40 são consideradas indicadoras de efeito grande (Cozby, 2003; Cosentino, 2007).

O cálculo de  $r$  é feito através da seguinte fórmula, onde  $t$  refere-se ao valor calculado no teste  $t$  e  $gl$  refere-se ao número de graus de liberdade:

$$r = \sqrt{\frac{t^2}{t^2 + gl}}$$

Quanto mais erros intra-categorias, maior o  $r$ , ou seja, maior é a codificação dos participantes para esta categoria. Assim, será possível comparar com facilidade, em escala sempre compatível, se os participantes codificam melhor uma categoria do que outra, independentemente do grau de codificação em cada uma das destas e do número total de participantes.

## 5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 5.1 Fase I

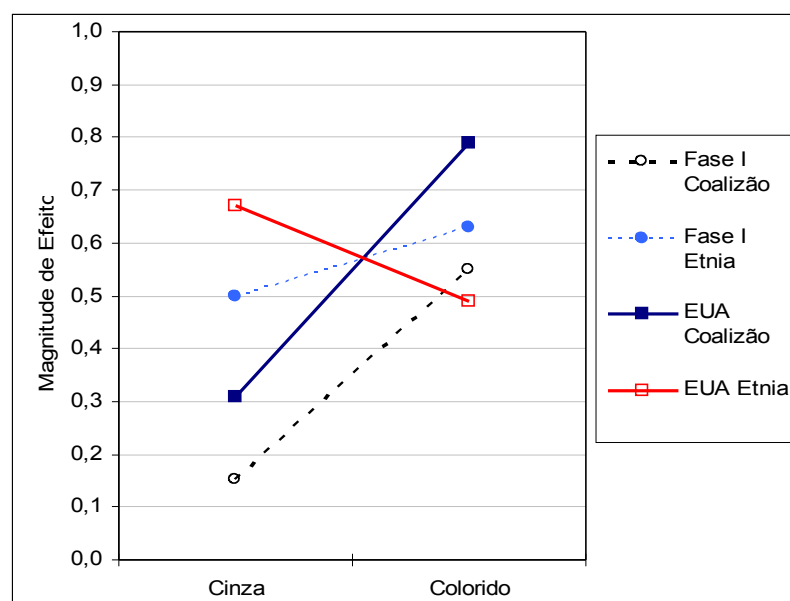
#### 5.1.1 Codificação de Coalizão

Na análise de dados da coleta paulista, os resultados de codificação de coalizão apresentaram uma diferença entre as condições cinza e colorida similar à do experimento estadunidense, com magnitude de efeito  $r=0,15$  para a Condição Controle (*jerseys* cinza) e  $r=0,55$  na Condição Experimental (*jerseys* coloridas). Estes resultados sugerem que houve codificação de coalizão em ambas as condições, com relativa diferença de intensidade, e condizem com a Predição 2.

Embora uma magnitude de efeito próxima a 0,15 seja considerada fraca (Cozby, 2003), este é um resultado esperado para uma situação onde há ausência de uma pista de aparência partilhada, embora haja pistas verbais de afiliação. Como também esperado, na Condição Experimental o protocolo se revela eficiente em incitar alguma codificação por coalizão com um resultado ( $r=0,55$ ) considerado de efeito forte (Cozby, 2003).

Mesmo assim, as magnitudes de efeito, em ambas as condições da coleta paulista são perceptivelmente menores do que as magnitudes de efeito correspondentes do experimento estadunidense ( $r=0,31$  para a Condição Controle e  $r=0,79$  para a Condição Experimental, vide Figura 8 para uma comparação). Essa diferença condiz com a Predição 3: o uso do basquete como contexto gerador de conflito se mostrou menos eficiente em São Paulo do que na Califórnia. As aplicações do experimento também revelaram outras interferências que poderiam contribuir para esse efeito: (a) os modelos das fotos foram rapidamente

identificados como americanos pelos participantes e (b) nos diálogos, foram freqüentemente identificadas, pelos participantes, expressões idiomáticas estrangeiras, apenas do cuidado de tradução.



*Figura 8.* Comparativo da magnitude de efeito das amostras da Fase I e do experimento original (EUA)

É possível que todos esses fatores de interferência (basquete, modelos e diálogo) tenham contribuído para os resultados de menor intensidade de codificação na amostra paulista. Do mesmo modo que as pistas verbais de coalizão e as pistas de Aparência Partilhada funcionaram como indicadores de pertença a um ou outro time, esses fatores podem ter funcionado como indicadores de uma dimensão não prevista: a de nacionalidade.

Surge então uma primeira hipótese para a diferença da codificação de coalizão da amostra paulista em relação a amostra estadunidense: Codificando os modelos por nacionalidade, uma outra forma de coalizão, os participantes teriam dedicado menor atenção

para a coalizão esportiva pois, sob seu ponto de vista, esta seria apenas uma subdivisão da primeira.

Uma segunda hipótese foi levantada por L. Cosmides (comunicação pessoal, XI Simpósio de Intercâmbio Científico da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia, maio de 2006, Florianópolis, SC): esta diferença de intensidade de codificação de coalizão seria fruto de uma diferença do padrão cultural para esse comportamento. Leda Cosmides (*idem*), destacou que é possível que o estabelecimento de coalizões de contexto competitivo seja uma prática mais comum nos Estados Unidos do que no Brasil e que, conseqüentemente, a incitação desse comportamento gere resultados mais intensos em amostras estadunidenses do que em amostras brasileiras.

É importante notar que a existência de um diferencial cultural na intensidade não altera as teorias de Kurzban *et al.* (2001) sobre a existência de um módulo universalmente partilhado e de função específica de codificar coalizões. Steven Pinker (1997) afirma que, para que os módulos mentais façam sentido evolutivo, é essencial que sejam órgãos flexíveis e reguláveis, mesmo que dentro de certos limites. Seria irracional imaginar que não haja, em todo módulo, uma regulação de (ao menos) intensidade e frequência de uso.

Em relação às hipóteses levantadas neste item, é possível que a adaptação do Protocolo de Confusão de Memória a uma situação culturalmente análoga, na Fase III. Como o método da terceira fase deste experimento foi construído de modo a eliminar ao máximo elementos estranhos à cultura brasileira, é razoável afirmar que: (1) caso os resultados da Fase III sejam semelhantes ou próximos aos resultados da amostra estadunidense, será reforçada a primeira hipótese (dimensão de codificação não prevista); e (2), caso ocorra o contrário, será reforçada a segunda hipótese (diferença do padrão cultural para o comportamento).

### 5.1.2 Codificação de Etnia

Diferentemente dos resultados do experimento original, não houve decréscimo na codificação de etnia, na presença da pista de aparência partilhada (Condição Experimental). Um efeito curioso ocorreu: a magnitude de efeito, para a codificação de etnia, foi de  $r=0,50$  na Condição Controle e de  $r=0,63$  na Condição Experimental (resultados e comparação com a amostra americana ilustrados na Figura 8, p. 51).

Esse aumento não era esperado, discrepando da Predição 1 (p. 33) para o experimento, pois a presença de uma pista clara de coalizão (pista de Aparência Partilhada) deveria resultar em uma diminuição da codificação por etnia. De acordo com a Predição 1 “a etnia não será codificada com a mesma intensidade em ambos os contextos. A intensidade da codificação de etnia diminuirá na presença de uma pista de aparência partilhada”. Essa predição foi baseada nas teorias de Kurzban *et al.* (2001) e Cosmides *et al.* (2003) sobre a existência de uma codificação automática por coalizão e a ausência de uma codificação automática de etnia. Nas conclusões de seu experimento, Kurzban *et al.* (2001) afirmam que “A sensibilidade da etnia à manipulação de coalizão dá crédito à hipótese de que, para a mente humana, etnia é simplesmente um subtipo de coalizão, historicamente contingente”<sup>1</sup> (p.15391). No entanto, o fato de termos confirmado a Predição 3 para a codificação de coalizão do experimento traduzido e o fato da aplicação da amostra paulista ter revelado dois outros fatores que, possivelmente, interferiram na eficiência do experimento, criam outras hipóteses explicativas, para esse resultado:

---

<sup>1</sup> No original: The sensitivity of race to coalitional manipulation lends credence to the hypothesis that, to the human mind, race is simply one historically contingent subtype of coalition.

*Hipótese 1* - os fatores detectados, por interferirem direta e intensamente no comportamento-alvo (codificação de grupo), impossibilitam uma aplicação válida do Protocolo Traduzido no Brasil, independentemente do tamanho amostral.

*Hipótese 2* - os fatores detectados, por interferirem direta e intensamente no comportamento-alvo, impossibilitam uma aplicação válida do Protocolo Traduzido em uma amostra pequena.

Ambas as hipóteses, para esta dimensão, podem ser reforçadas ou enfraquecidas na Fase II do experimento, mesmo que a fase não tenha sido desenhada com esse objetivo específico, pois a mesma conta com um número muito maior de participantes (569 indivíduos, frente a 85 da amostra paulista). Caso os resultados da Fase II mantenham a tendência da Fase I, será razoável afirmar que a Hipótese 1 ganhará força. Caso o contrário ocorra, os resultados reforçarão a Hipótese 2.

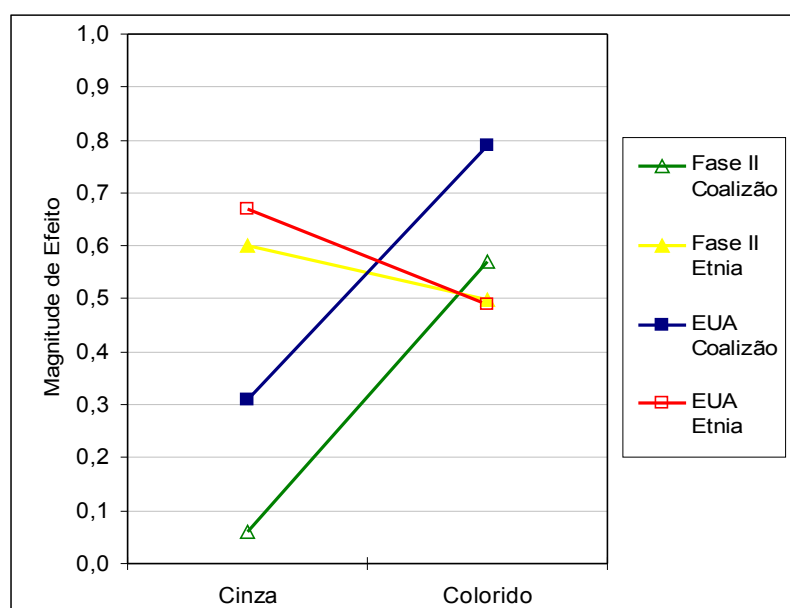
## **5.2 Fase II**

### **5.2.1 Codificação de Coalizão**

Para a dimensão Coalizão, a análise dos dados de todo Brasil seguiu a tendência da análise paulista de uma grande diferença na codificação, entre as duas condições: na Condição Controle (*jerseys* cinza), a magnitude de efeito foi de  $r=0,06$ , em comparação com  $r=0,57$  na Condição Experimental (*jerseys* coloridas). Esses resultados sugerem a ocorrência de codificação de coalizão em ambas as condições como antecipado na Predição 2 (p.33). E, embora a magnitude de efeito, na Condição Controle, tenha sido ainda menor do

que a da análise paulista, a magnitude de efeito da Condição Experimental ( $r=0,57$ ) é considerada indicador de efeito forte. Essa diferença revela, mais uma vez, certa eficiência do protocolo em incitar alguma codificação por coalizão, quando introduzida a pista de Aparência Partilhada.

Mesmo assim, mais uma vez, os resultados do Protocolo Traduzido condizem com a Predição 3 (p.33). Como ilustrado na Figura 9, as magnitudes de efeito, em ambas as condições da Fase II, são perceptivelmente menores do que as da amostra estadunidense.



*Figura 9.* Comparativo da magnitude de efeito das amostras da Fase II e do experimento original (EUA)

Ainda de maior relevância: os experimentadores de todo País relataram que, durante a aplicação, emergiram fatores de interferência semelhantes aos da aplicação paulista: modelos identificados como americanos e estranheza em relação a algumas expressões idiomáticas. Mantêm-se então as mesmas hipóteses explicativas de interferência levantadas na Codificação de Coalizão na Fase I (p.51).

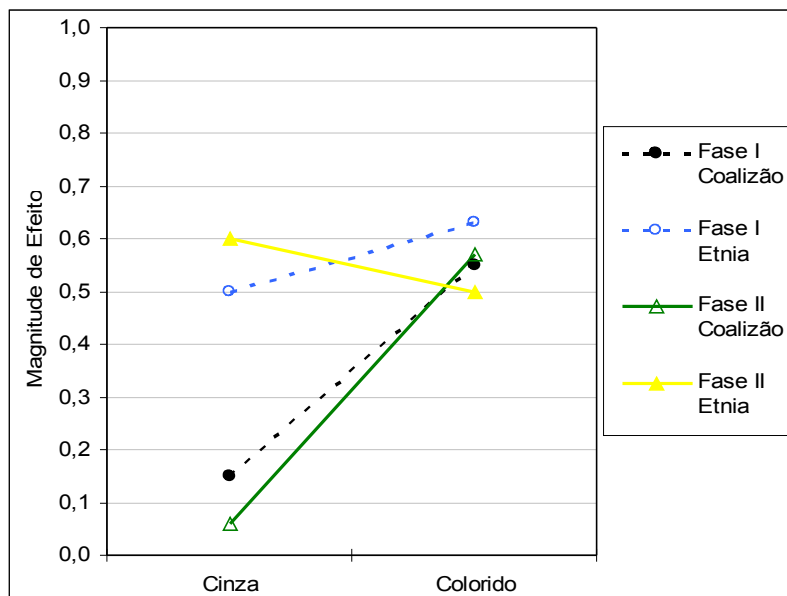


Do mesmo modo, mantêm-se as afirmações sobre como essas hipóteses poderão ser reforçadas ou enfraquecidas no decorrer da Fase III do experimento (p.58), embora a terceira fase não tenha sido desenhada com este propósito específico.

### **5.2.2 Codificação de Etnia**

Assim como no experimento estadunidense, com o aumento da codificação de coalizão, diminuiu a codificação de etnia: de uma magnitude de efeito de  $r = 0,60$  para  $r = 0,50$ .

Embora esses resultados divirjam daqueles obtidos na Fase anterior (vide Figura 10, p.57), negando a Predição 4, eles são bastante próximos aos do experimento original, de  $r = 0,67$  para a Condição Controle e  $r = 0,49$  para a Condição Experimental (vide uma comparação dos resultados de ambas amostras na Figura 9, p.55), e condizem com as teorias de Kurzban *et al.* (2001). Confirmamos, assim, a Predição 1 (p.33) e fortalecemos a segunda hipótese levantada na Fase I, para a Codificação de Etnia. Ou seja, a presença de uma pista clara de coalizão (ou pista de Aparência Partilhada) causou uma queda na intensidade de codificação de etnia, pelos participantes, e há forte indicação de que a irregularidade dos resultados, para a dimensão etnia da Fase I, possa ser resolvida por uma expansão do tamanho amostral.



*Figura 10.* Comparativo da magnitude de efeito das amostras das fases I e II

Porém, uma vez que a Fase II não foi projetada para testar as hipóteses levantadas na primeira fase deste experimento, não podemos confirmar ou refutar totalmente essas hipóteses. A Fase II não só expandiu o N amostral, mas também a população do experimento: de um para sete estados brasileiros. O teste ideal para as hipóteses citadas seria reproduzir a Fase I com uma amostra maior de estudantes da mesma universidade.

Inclusive algumas diferenças inter-estaduais foram detectadas pela equipe do projeto Instituto do Milênio e estão sendo discutidas para publicação em momento oportuno (L. Cosmides, M. E. Yamamoto & E. Otta, em elaboração).

Também para essa dimensão, é provável que a Fase III do experimento revele-se importante para uma melhor compreensão dos fenômenos ocorridos nas fases anteriores: pois é grande a possibilidade que uma adaptação culturalmente análoga deste

protocolo elimine os fatores de interferência encontrados nas duas primeiras fases deste experimento.

### **5.3 Fase III**

#### **5.3.1 Codificação de Coalizão**

A análise dos dados da Fase III do experimento, assim como nas Fases anteriores, indica que os participantes codificaram a coalizão dos modelos. Enquanto na Condição Controle (camisas cinza) a magnitude de efeito foi  $r=0,35$ , na Condição Experimental foi  $r=0,75$  (camisas coloridas).

Estes resultados mostram, como nas Fases I e II, uma disparidade da magnitude de efeito para coalizão nas diferentes condições, e indicam eficiência do protocolo em incitar codificação por coalizão. Mas, com o Protocolo Adaptado, notamos um aumento comparativo das magnitudes de efeito, em ambas as condições

Para a Condição Controle, uma magnitude de efeito de  $r=0,35$  é considerada um indicador de efeito médio (Cozby, 2003). Uma grande diferença, comparando com os indicadores de efeito fraco ( $r=0,15$ ) e muito fraco ( $r=0,06$ ) das amostras paulista e brasileira, respectivamente. Acredito que tal diferença indique maior eficiência do Protocolo Adaptado na ativação de codificação pelos participantes, confirmando a Predição 5 (p.34). Comparações entre as Fases I e III e entre as Fases II e III podem ser vistas nas Figuras 11 e 12, respectivamente.

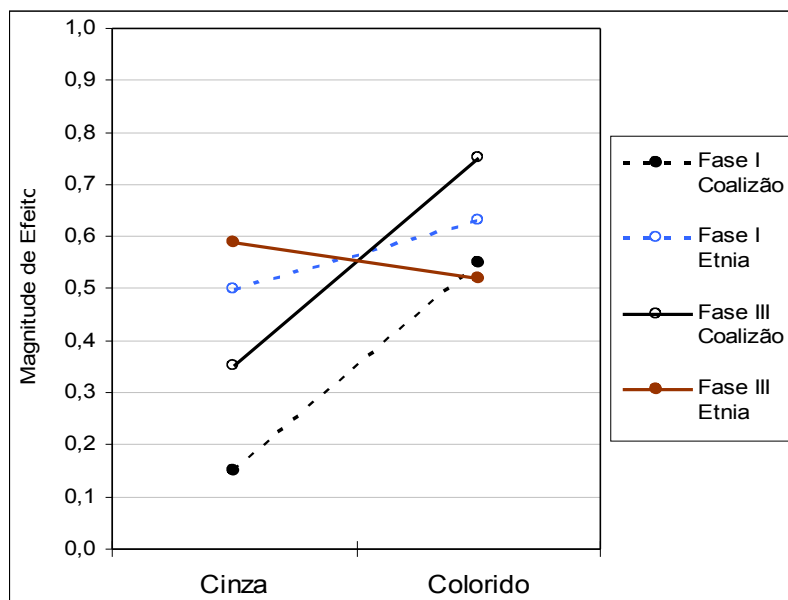


Figura 11. Comparativo da magnitude de efeito das amostras das fase I e III

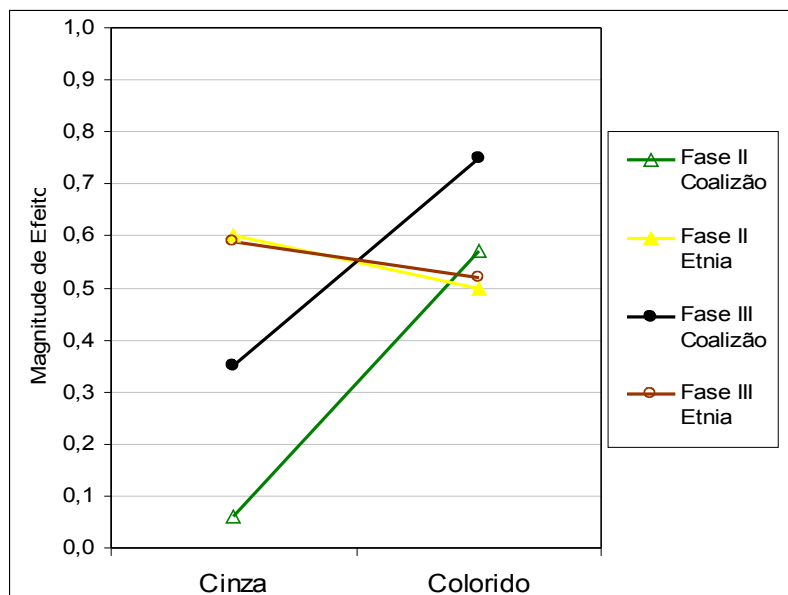
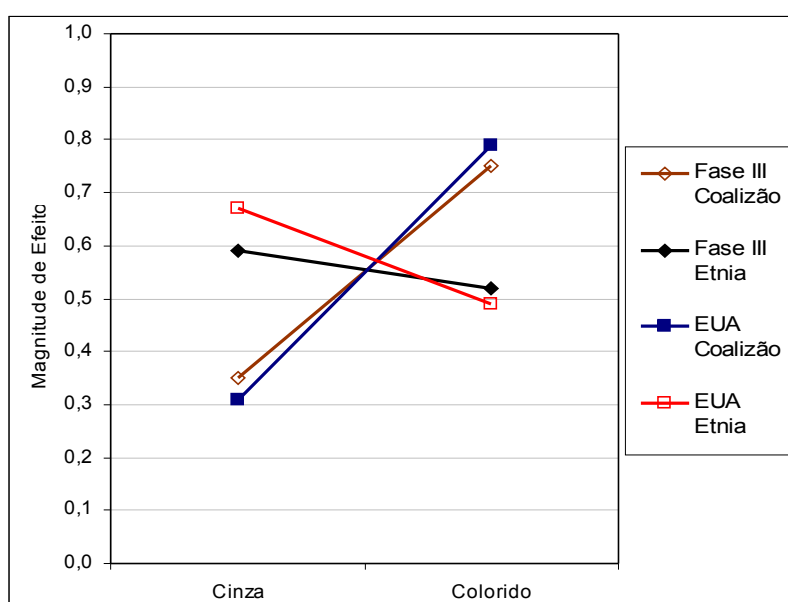


Figura 12. Comparativo da magnitude de efeito das amostras das fases II e III

Ainda mais importante: os resultados do Protocolo Adaptado, para a dimensão coalizão, são muito semelhantes aos do experimento estadunidense ( $r=0,31$  para a Condição Controle e  $r=0,79$  para a Condição Experimental, vide comparação na Figura 13). Como afirmado anteriormente, isso reforça a primeira hipótese levantada para os resultados da dimensão coalizão da Fase I, ou seja, os fatores de interferência detectados durante as aplicações das Fases I e II podem ter funcionado como indicadores de nacionalidade, diminuindo a codificação de coalizão, por essa se manifestar como uma subdivisão da primeira, uma dimensão não prevista.



**Figura 13.** Comparativo da magnitude de efeito das amostras da Fase III e do experimento original (EUA)

### 5.3.2 Codificação de Etnia

Como na Fase II, a presença de uma pista clara de Aparência Partilhada implicou em uma pequena diminuição da codificação de

etnia: de  $r=0.59$  (Condição Controle) para  $r=0.52$  (Condição Experimental). Também em semelhança à segunda fase do experimento, os resultados aproximam-se, em intensidade, dos resultados do experimento original ( $r=0,67$  para a Condição Controle e  $r=0,49$  para a Condição Experimental), proximidade perceptível na Figura 13.

Mas o verdadeiro sucesso do Protocolo Adaptado revela-se quando comparado aos resultados do Protocolo Traduzido na Fase I. É importante notar que as fases envolviam tamanhos amostrais semelhantes e que os participantes eram todos estudantes da mesma instituição pública de ensino. Mesmo assim os resultados para a dimensão etnia não poderiam ser mais díspares (vide Figura 11, p.59): houve uma completa inversão da tendência para a dimensão etnia. Esse fato não só confirma a predição 5, mas também ilustra com clareza a importância de que adaptação cultural do Protocolo de Confusão de Memória foi bem-sucedida.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já dito antes, a Psicologia Evolucionista propõe que os módulos mentais que compõe a mente humana são tão fruto da seleção natural como os órgãos que constituem nosso corpo físico e essa proposta implica, necessariamente, na existência de uma similaridade entre as funções dos módulos mentais de toda espécie humana, independentemente da cultura na qual o indivíduo está imerso. É por essa razão que os estudos interculturais formam uma ferramenta de suma importância para a Psicologia Evolucionista.

Diante dos resultados aqui obtidos podemos confirmar a hipótese evolucionista de que a codificação étnica é apenas um subproduto da codificação de coalizão como proposto por Kurzban *et al.* (2001) e verificado por Cosentino (2007). Os resultados repetidamente indicam que não há um mecanismo selecionado especificamente para uma codificação étnica, em contraposição à indicação, igualmente repetida, que a coalizão é “uma categoria social básica” (Cosentino, 2007, p. 114).

O título do trabalho de Kurzban *et al.* “Can race be erased” explicita não só uma teoria, mas uma esperança. Pois, uma vez que conseguimos provar que a codificação por etnia não é um comportamento inalterável, mas o uso de uma capacidade mental comprovadamente manipulável, podemos ousar imaginar em como podemos usar esse conhecimento. Como diz Ridley (2004), ao analisar os resultados de Kurzban *et al.* (2001), “Quanto mais compreendemos nossos genes e nosso instinto, menos inevitáveis eles parecem ser” (p.334).

Mas o estudo aqui apresentado não é apenas mais um argumento em prol das teorias da Psicologia Evolucionista. Ao comparar os

resultados obtidos na Fase I com os obtidos na Fase III podemos verificar que os diferentes métodos de adaptação intercultural do teste geraram resultados díspares. Diferentes linhas da psicologia podem interpretar de múltiplas maneiras, mas a Psicologia Evolucionista deve compreender os resultados aqui obtidos como um alerta da necessidade de uma elaboração cuidadosa dos estudos interculturais.

Embora a cultura e a experiência individual não sejam criadoras do comportamento, ambas interferem no meio pelo qual o comportamento é despertado e na intensidade com que isso ocorre. Por exemplo, a codificação de coalizão pode ser despertada por contextos de conflito, mas sua intensidade pode variar de acordo com a relevância cultural do contexto em questão: tanto o futebol e quanto o basquete ou a identificação dos modelos e diálogos como brasileiros ou estrangeiros pode interferir de modo a diminuir ou aumentar a relevância da situação para o indivíduo em questão. Do mesmo modo como consideramos diferentemente situações envolvendo amigos ou familiares de situações envolvendo pessoas desconhecidas (embora nesse caso seja uma questão de relevância pessoal e não cultural).

Ou seja, para que possamos elaborar estudos que independam da cultura, devemos levar a cultura em consideração, do mesmo modo que para evitar um trabalho etnicamente tendencioso devemos levar os elementos étnicos em consideração.

Por fim, esperamos que os resultados e discussões deste trabalho colaborativo, aqui apresentados sob a perspectiva da Psicologia Evolucionista, tragam contribuições para a melhor compreensão dos fenômenos de grupo e do preconceito e outro passo em busca de uma visão mais aprimorada da arquitetura da mente humana, esse fantástico fruto da evolução darwiniana.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS<sup>2</sup>

- Ali Kamel (2006) *Não Somos Racistas: uma reação aos que querem nos transformar em uma nação bicolor*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Almeida, D. C. de (2005) Ações afirmativas e política de cotas são expressões sinônimas? *Jus Navigandi*, (573).
- American Psychological Association (2001). *Manual de publicação da American Psychological Association* (4ª ed., D. Bueno, trad.). Porto Alegre: Artmed.
- Bachelard, G. (1996) *Conhecimento comum e conhecimento científico*. Lisboa, Portugal: Edições 70.
- Brewer, M. (1979). In-group bias in the minimal intergroup situation: a cognitive-motivational analysis. *Psychological Bulletin*, 86, 307-324.
- Brewer, M. (1988). A dual process model of impression formation. In T. Srull & R. Wyer (Eds.), *Advances in social cognition*, 1, 1-36.
- Bolk, L. (1926) *Das Problem der Menschwerdung*. Jena: Gustav Fischer
- Cavalli-Sforza, L. L. & Bodmer, W. F. (1971) *The genetics of human populations*. San Francisco, EUA: W. H. Freeman.
- Chiot, D., & Seligman, M. E. P. (Eds.) (2001). *Ethnopolitical Warfare: Causes, Consequences, and Possible Solutions*. Washington D.C.: APA Press.
- Cosentino, L. A. M. (2007) *Nós Versus Eles, Eles e Elas: Comparação Intercultural e Intersexual na Detecção de Coalizão e Alianças*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Cosmides, L., Tooby, J. & Kurzban, R. (2003). Perceptions of race. *Trends in Cognitive Sciences* 7(4), 173-179. PMID: 12691766
- Cozby, P.C. (2001). *Methods in Behavioral Research* (7ª Ed.). Mountain View, EUA: McGraw-Hill.
- Darwin, C. (1859/2009) *On the Origin of Species*. London: Penguin Books.

---

2 De acordo com o estilo APA – American Psychological Association (2001)

- Darwin, C. (1871/1974) *A origem do homem e a seleção sexual* (A. Cancian e E. N. Fonseca, trans.). São Paulo: Hemus.
- Dennen, J.M.G. van der (1995). The Origin of War: The Evolution of a Male-coalitional Reproductive Strategy. San Rafael, EUA: Origin Press.
- Diamond, J. (2005). Geography and Skin Colour. *Nature*, 435, 283-284.
- Fiske, S. & Neuberg, S. (1990). A continuum of impression formation, from category-based to individuating processes: Influences of information and motivation on attention and interpretation. In: M. Zanna (Ed.), *Advances in experimental social psychology*, 23, 1-74. NY, EUA: Academic Press.
- Graves, J (2001) *The Emperor's New Clothes: Biological Theories of Race at the Millennium*. Piscataway, Nova Jersey, EUA: Rutgers University Press
- Gould, S. J. (1972) The Spandrels of San Marco and the panglossian paradigm: a critique of adaptationist program. *Proceedings of the Royal Society of London* 205, 581-589, 1979.
- Gould, S. J. (1992) *Darwin e os grandes mistérios da vida* (2ª ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Gould, S. J. (1997) Evolution: The Pleasures of Pluralism. *The new York Review of Books*, 44(11), 47-52.
- Hammond, R.A., Axelrod, R. (2006). The Evolution of Ethnocentrism. *Journal of Conflict Resolution*, 50 (6), 926-936.
- Hamilton, D., Stroessner, S., & Driscoll, D. (1994). Social cognition and the study of stereotyping. In P. G. Devine, D. Hamilton, & T. Ostrom (Eds.), *Social cognition: impact on social psychology*. 291-321.
- Hewstone, M., Hantzi, A. & Johnston, L. (1991). Social categorization and person memory: the pervasiveness of race as an organizing principle. *European Journal of Social Psychology*, 21, 517-528.
- Klauer, K. & Wegener, I. (1998). Unraveling social categorization in the "Who said what?" paradigm. *Journal of Personality and Social Psychology*, 75, 1155-1178.

- Kurzban, R., Tooby, J. & Cosmides, L. (2001). Can race be erased?: coalitional computation and social categorization. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 98(26), 15387-15392. PMID: 11742078. [www.pnas.org/cgi/reprint/98/26/15387.pdf](http://www.pnas.org/cgi/reprint/98/26/15387.pdf)
- Jablonski, N. G. (2004) The Evolution of Human Skin and Skin colour. *Annual Review of Antropology*, 33, 585-623.
- Lewontin, R. (1972). The apportionment of human diversity. *Evolutionary Biology*, 6, 381-398.
- Messick, D. & Mackie, D. (1989). Intergroup relations. *Annual Review of Psychology*, 40, 45-81.
- Nei, M. & Roychoudhury, A. (1982) Genetic relationship and evolution of human races. *Evolutionary Biology*, 14, 1-59.
- Nei, M. & Roychoudhury, A. (1993). Evolutionary relationships of human populations on a global scale. *Molecular Biology and Evolution*, 10, 927-943.
- Pinker, S. (2003). *The Blank Slate: The Modern Denial of Human Nature*. New York, EUA: Penguin Books
- Pinker, S. (1997) *How the Mind Works*. New York, EUA: W. W. Norton & Company Inc.
- Price, M. E., Cosmides, L. & Tooby, J. (2002). Punitive sentiment as an anti-free rider psychological device. *Evolution and Human Behavior*, 23, 203-231.
- Rabushka, A. Shepsle, K.A. (1972). *Politics in Plural Societies: A Theory of Democratic Instability*. Columbus, EUA: Charles E.
- Ridley, M. (2004) *O que nos faz humanos* (R. Vinagre, trad.). Rio de Janeiro: Record.
- Rosana Z. & Leoleli C. (2007, 06 de Junho) *Especial*, Revista Veja, Ed. 2011 Disponível em [http://veja.abril.com.br/060607/p\\_082.shtml](http://veja.abril.com.br/060607/p_082.shtml).
- Sherif, M., Harvey, O., White, B., Hood, W., & Sherif, C. (1961). *Intergroup conflict and cooperation: the robbers cave experiment*. Norman, EUA: University of Oklahoma Book Exchange.

- Stangor, C., Lynch, L., Duan, C., & Glass, B. (1992). Categorization of individuals on the basis of multiple social features. *Journal of Personality and Social Psychology*, 62, 207-218.
- Taylor, S., Fiske, S., Etcoff, N. & Ruderman, A. (1978). Categorical bases of person memory and stereotyping. *Journal of Personality and Social Psychology*, 36, 778-793.
- Tooby, J. & Cosmides, L. (1988). The evolution of war and its cognitive foundations. *Institute for Evolutionary Studies Technical Report*, 1(88). A ser reimpresso em Tooby, J. & Cosmides, L. (no prelo). *Evolutionary psychology: Foundational papers*. Cambridge, MA: MIT Press.
- Vasconcelos, S. D. & Silva, E. G. da (2005) Acesso à universidade pública através de cotas: uma reflexão a partir da percepção dos alunos de um pré-vestibular inclusivo. *Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, 13(49), 453-467.

## APÊNDICE A – COMPARAÇÃO ENTRE VERSÕES TRADUZIDA E ADAPTADA DO PROTOCOLO DE CONFUSÃO DE MEMÓRIA

	Versão Traduzida	Versão Adaptada
1	Foram vocês que começaram tudo. Aquilo foi a falta mais escandalosa que eu já vi. O cara tinha que ser expulso na hora.	Foram vocês que começaram, no lance que puxaram minha camisa na área, aquilo foi pênalti!
2	Besteira, cara. O que vale é o apito. O juiz não apitou, não teve falta.	Não vem com essa! Isso acontece toda hora, o juiz nem apitou.
3	Ah, tá bom. O cara do teu time deu uma cotovelada com tudo na cara do nosso jogador quando o juiz não estava olhando.	Ele só viu o puxão! Mas quando ele não tava olhando o jogador meteu uma cotovelada na cara dele.
4	Que bando de chorões. Vocês estavam fazendo mais faltas do que nós. Vocês não podem dizer esse monte de lixo pra cima da gente e achar que nós vamos deixar barato.	Isso é mentira! Quem é que tava fazendo mais faltas no jogo? Certo que não fomos nós. Não adianta dizer que era a gente que tava violento. Tá achando que vamos ficar quietos?
5	Tá, vou me lembrar disso aí dentro da quadra daqui a pouco.	Agora vai dizer que cotovelada não é falta? A gente se acerta no campo.
6	Estou tremendo de medo. Que bando de idiotas.	Ha! Eu tô tremendo! Vocês não machucam nem mosca.
8	Vocês fazem jogo sujo o tempo todo e acham que fica por isso mesmo? De jeito nenhum.	Vocês que tavam com jogo faltoso, e agora vão culpar a gente? Tá tirando?

- 9 O fato é que vocês estavam perdendo, se atrapalharam completamente e nos ferraram e se ferraram também. Obrigado por acabar com o nosso torneio. A confusão que vocês armaram prejudicou a nossa campanha. Tamo desfalcados e penalizados, sem jogar em casa.
- 10 Não enche o saco. Nós não acabamos com o jogo. Vamos falar sério, vocês é que acabaram com o nosso torneio. Se é pra botar culpa pode botar em quem quiser, mas se for falar sério nem vem. Quem ficô pior na tabela fomos nós.
- 11 Olha, a verdade é que vocês perderam o controle, ficaram malucos, e nós acabamos penalizados também. Vocês pararam de jogar e partiram pra porrada. Nos ferramos por causa de vocês.
- 12 De jeito nenhum, se vocês tivessem jogado como gente civilizada, nada disso teria acontecido. Ah é? E vocês? Quando vocês tavam jogando? Eu só via carrinho e pé alto.
- 13 Você não pode estar falando sério. Nós pelo menos não jogamos como vocês. Vocês jogam como meninos do colegial. E você quer jogar onde? No juvenil? Lá vocês podem chorar no colo da mãe. Isso aqui é jogo de homem!
- 14 E vocês jogam como se estivessem no zoológico, que aliás é onde vocês deveriam estar. Aquilo não era jogo, não tinha nada, só falta! Era toda hora bola parada. Isso não é pelada na favela.
- 15 Não acredito que acabei de ouvir isso. Você não quer pensar numa desculpa melhor? É assim que você quer? Vocês acham que tem moral pra falar isso?
- 16 É melhor parar de bancar o valente, seu palhaço, ou eu te faço calar a boca. É melhor você se cuidar com que você fala. Ou eu te calo a boca.

- 17** Vocês são um bando de fracotes. Vocês saíram do sério porque nós estávamos vencendo. No jogo foi assim também, a gente tava vencendo, tava tudo numa boa, aí vocês perderam a cabeça.
- 18** Essa é boa! Vocês provocaram a expulsão de dois dos nossos jogadores. Quem tava de boa? Quantos cartões vocês levaram?
- 19** Vocês só sabem reclamar. Vocês deviam jogar mais e chorar menos. Isso foi só porque vocês não paravam de reclamar, vocês puxavam o cartão no grito. Tudo um bando de chorão
- 20** Cala a boca, cara. Vocês não são de nada. Cala boca que você não tem moral aqui não.
- 21** Cuidado. Fica frio, senão vai ser pior. Relaxa aí, você quer arranjar encrenca aqui também?
- 22** Vamos parar com isso. Vocês estão querendo provocar uma briga séria aqui. É só respeitar a gente que a gente respeita vocês de volta.
- 23** Ah, é? E quem veio para brigar? Você e essas garotinhas aí? Vocês não valem nada, é tudo moleque! Não ia agüentar um briga de verdade.
- 24** Eu só não te arrebento já porque eu não quero ser expulso antes da partida começar. Você tem sorte que eu não vou te estourar aqui! É no campo que a gente vai vê se você é homem!
-

**APÊNDICE B – FOTOS DE MODELOS DO PROTOCOLO ADAPTADO  
(FASE III)**





## **APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DO PROTOCOLO ADAPTADO (FASE III)**

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Prezado(a) Senhor(a):

Vimos através deste convidá-lo(a) a participar de uma pesquisa que está sendo realizada pelo Laboratório Psicologia Comparativa e Etologia da Universidade de São Paulo e que investiga a percepção pessoal.

**A participação é voluntária.** Caso você aceite participar, solicitamos a permissão para que possamos utilizar os dados de observação e questionários que por você serão respondidos, sendo que apenas os pesquisadores terão acesso direto às informações neles relatadas. Este procedimento em princípio, não traz riscos ou desconfortos. Informamos, também, que a qualquer momento você poderá desistir da participação da mesma.

Qualquer informação adicional ou esclarecimentos acerca desta pesquisa poderá ser obtido junto aos pesquisadores através do email [leandro.n@gmail.com](mailto:leandro.n@gmail.com), ou do telefone (11) 3091-4448.

Eu, Sr.(a): \_\_\_\_\_ Considero-me informado(a) sobre a pesquisa em percepção visual do Laboratório Psicologia Comparativa e Etologia da USP, e aceito participar da mesma, consentindo que os dados de observação e questionários sejam realizados e utilizados para a coleta de dados.

São Paulo, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

---

Assinatura do participante

**APÊNDICE D – CADERNO DE RESPOSTAS DO PROTOCOLO  
ADAPTADO (FASE III)**

**CADERNO DE RESPOSTAS**

**Atenção: não abra até receber instruções**

☐ **CENA 1**

☐ **CENA 2**

☐ **CENA 3**

☐ **CENA 4**

Folha em Branco

Número  
1-8

Quem disse o que? Por favor, escreva o número da pessoa no quadrado ao lado da frase.

---

Vocês que tavam com jogo faltoso, e agora vão culpar a gente? Tá tirando?

Agora vai dizer que cotovelada não é falta? A gente se acerta no campo.

Foram vocês que começaram, no lance que puxaram minha camisa na área, aquilo foi pênalti!

Não vem com essa! Isso acontece toda hora, o juiz nem apitou.

É assim que você quer? Vocês acham que tem moral pra falar isso?

Olha, vocês foram os culpados. Foram vocês que perderam o controle e arranjaram a confusão.

Ele só viu o puxão! Mas quando ele não tava olhando o jogador meteu uma cotovelada na cara dele.

A confusão que vocês armaram prejudicou a nossa campanha. Tamo desfalcados e penalizados, sem jogar em casa.

Ha! Eu tô tremendo! Vocês não machucam nem mosca.

Se é pra botar culpa pode botar em quem quiser, mas se for falar sério nem vem. Quem ficô pior na tabela fomos nós.

Vocês não valem nada, é tudo moleque! Não ia agüentar um briga de verdade.

Número  
1-8

Quem disse o que? Por favor, escreva o número da pessoa no quadrado ao lado da frase.

---

Vocês pararam de jogar e partiram pra porrada. Nos ferramos por causa de vocês.

Isso é mentira! Quem é que tava fazendo mais faltas no jogo? Certo que não fomos nós. Não adianta dizer que era a gente que tava violento. Tá achando que vamos ficar quietos?

No jogo foi assim também, a gente tava vencendo, tava tudo numa boa, aí vocês perderam a cabeça.

Quem tava de boa? Quantos cartões vocês levaram?

Você tem sorte que eu não vou te estourar aqui! É no campo que a gente vai vê se você é homem!

Aquilo não era jogo, não tinha nada, só falta! Era toda hora bola parada. Isso não é pelada na favela.

Ah é? E vocês? Quando vocês tavam jogando? Eu só via carrinho e pé alto.

É só respeitar a gente que a gente respeita vocês de volta.

É melhor você se cuidar com que você fala. Ou eu te calo a boca.

Relaxa aí, você quer arranjar encrenca aqui também?

Número  
1-8

Quem disse o que? Por favor, escreva o número da pessoa no quadrado ao lado da frase.

---

E você quer jogar onde? No juvenil? Lá vocês podem chorar no colo da mãe. Isso aqui é jogo de homem!

Cala boca que você não tem moral aqui não.

Isso foi só porque vocês não paravam de reclamar, vocês puxavam o cartão no grito. Tudo um bando de chorão

Por favor, responda às seguintes questões:

**Sexo:**

☐ Masculino ☐ Feminino

**Idade:** \_\_\_\_\_

**Qual o curso de graduação ou pós-graduação que você faz?**

\_\_\_\_\_

**Qual a universidade?**

\_\_\_\_\_

**Qual é sua origem étnica? Você pode marcar mais de uma opção.**

- ☐ Europeu
- ☐ Latino-americano (Indígena)
- ☐ Asiático
- ☐ Africano
- ☐ Outro (especificar) .....

*Esta sessão terminou! Muito obrigado por participar de nossa pesquisa!*



## **ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO DO PROTOCOLO TRADUZIDO (FASES I & II)**

### **TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO**

Prezado(a) Senhor(a):

Vimos através deste convidá-lo(a) a participar de uma pesquisa que está sendo realizada pelo Laboratório Psicologia Comparativa e Etologia da Universidade de São Paulo e que investiga a percepção pessoal.

**A participação é voluntária.** Caso você aceite participar, solicitamos a permissão para que possamos utilizar os dados de observação e questionários que por você serão respondidos, sendo que apenas os pesquisadores terão acesso direto às informações neles relatadas. Este procedimento em princípio, não traz riscos ou desconfortos. Informamos, também, que a qualquer momento você poderá desistir da participação da mesma.

Qualquer informação adicional ou esclarecimentos acerca desta pesquisa poderá ser obtido junto aos pesquisadores através do email \_\_\_\_\_; ou do telefone (\_\_) \_\_\_\_-\_\_\_\_\_.

Eu, Sr(a):\_\_\_\_\_. Considero-me informado(a) sobre a pesquisa em percepção visual do Laboratório Psicologia Comparativa e Etologia da USP, e aceito participar da mesma, consentindo que os dados de observação e questionários sejam realizados e utilizados para a coleta de dados.

São Paulo, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_\_.

---

Assinatura do participante

**ANEXO B – CADERNO DE RESPOSTAS DO PROTOCOLO  
TRADUZIDO (FASE I)**

**CADERNO DE RESPOSTAS # 1**

☐

**CENA 1**

☐

**CENA 2**

☐

**CENA 3**

☐

**CENA 4**

## **CADERNO DE RESPOSTAS # 2**

Número  
1-8

Quem disse o que? Por favor, escreva o número da pessoa no quadrado ao lado da frase. Passe para a próxima página só quando terminar.

- ☐ Vocês fazem jogo sujo o tempo todo e acham que fica por isso mesmo? De jeito nenhum.
- ☐ Tá, vou me lembrar disso aí dentro da quadra daqui a pouco.
- ☐ Foram vocês que começaram tudo. Aquilo foi a falta mais escandalosa que eu já vi. O cara tinha que ser expulso na hora.
- ☐ Besteira, cara. O que vale é o apito. O juiz não apitou, não teve falta.
- ☐ Não acredito que acabei de ouvir isso. Você não quer pensar numa desculpa melhor?
- ☐ Olha, foram vocês que começaram a briga. Se vocês soubessem se controlar, nada daquilo teria acontecido.
- ☐ Ah, tá bom. O cara do teu time deu uma cotovelada com tudo na cara do nosso jogador quando o juiz não estava olhando.
- ☐ Vocês jogaram sujo. O fato é que vocês estavam perdendo, se atrapalharam completamente e nos ferraram e se ferraram também. Obrigado por acabar com o nosso torneio.
- ☐ Estou tremendo de medo. Que bando de idiotas.
- ☐ Não enche o saco. Nós não acabamos com o jogo. Vamos falar sério, vocês é que acabaram com o nosso torneio.
- ☐ Ah, é? E quem veio para brigar? Você e essas garotinhas aí?
- ☐ Olha, a verdade é que vocês perderam o controle, ficaram malucos, e nós acabamos penalizados também.
- ☐ Que bando de chorões. Vocês estavam fazendo mais faltas do que nós. Vocês não podem dizer esse monte de lixo pra cima da gente e achar que nós vamos deixar barato.
- ☐ Vocês são um bando de fracotes. Vocês saíram do sério porque nós estávamos vencendo.
- ☐ Essa é boa! Vocês provocaram a expulsão de dois dos nossos jogadores.
- ☐ Eu só não te arrevento já porque eu não quero ser expulso antes da partida começar.
- ☐ E vocês jogam como se estivessem no zoológico, que aliás é onde vocês deveriam estar.
- ☐ De jeito nenhum, se vocês tivessem jogado como gente civilizada, nada disso teria acontecido.
- ☐ Vamos parar com isso. Vocês estão querendo provocar uma briga séria aqui.
- ☐ É melhor parar de bancar o valente, seu palhaço, ou eu te faço calar a boca.
- ☐ Cuidado. Fica frio, senão vai ser pior.
- ☐ Você não pode estar falando sério. Nós pelo menos não jogamos como vocês. Vocês jogam como meninos do colegial.
- ☐ Cala a boca, cara. Vocês não são de nada.
- ☐ Vocês só sabem reclamar. Vocês deviam jogar mais e chorar menos.

Por favor, responda às seguintes questões:

**Sexo:**

☐ Masculino                      ☐ Feminino

**Idade:** \_\_\_\_\_

**Qual o curso de graduação ou pós-graduação que você faz?**

\_\_\_\_\_

**Qual a universidade?**

\_\_\_\_\_

**Qual é sua origem étnica? Você pode marcar mais de uma opção.**

- ☐ Europeu  
☐ Indígena  
☐ Asiático  
☐ Africano  
☐ Outro (especificar) .....

*Esta sessão terminou! Entregue este formulário à pessoa responsável e pode deixar a sala.*

*Muito obrigado por participar de nossa pesquisa! Uma vez que todos os dados tenham sido coletados, em meados de 2006, você poderá obter mais informações sobre este estudo através do e-mail <milenio@gmail.com>*

**ANEXO C – CADERNO DE RESPOSTAS DO PROTOCOLO  
TRADUZIDO (FASE II)**

**CADERNO DE RESPOSTAS**

**Atenção: não abra até receber instruções**

☐ **CENA 1**

☐ **CENA 2**

☐ **CENA 3**

☐ **CENA 4**



Folha em Branco

Número  
1-8

Quem disse o que? Por favor, escreva o número da pessoa no quadrado ao lado da frase.

---

Vocês fazem jogo sujo o tempo todo e acham que fica por isso mesmo? De jeito nenhum.

Tá, vou me lembrar disso aí dentro da quadra daqui a pouco.

Foram vocês que começaram tudo. Aquilo foi a falta mais escandalosa que eu já vi. O cara tinha que ser expulso na hora.

Besteira, cara. O que vale é o apito. O juiz não apitou, não teve falta.

Não acredito que acabei de ouvir isso. Você não quer pensar numa desculpa melhor?

Olha, foram vocês que começaram a briga. Se vocês soubessem se controlar, nada daquilo teria acontecido.

Ah, tá bom. O cara do teu time deu uma cotovelada com tudo na cara do nosso jogador quando o juiz não estava olhando.

O fato é que vocês estavam perdendo, se atrapalharam completamente e nos ferraram e se ferraram também. Obrigado por acabar com o nosso torneio.

Estou tremendo de medo. Que bando de idiotas.

Não enche o saco. Nós não acabamos com o jogo. Vamos falar sério, vocês é que acabaram com o nosso torneio.

Ah, é? E quem veio para brigar? Você e essas garotinhas aí?

Número  
1-8

Quem disse o que? Por favor, escreva o número da pessoa no quadrado ao lado da frase.

---

Olha, a verdade é que vocês perderam o controle, ficaram malucos, e nós acabamos penalizados também.

Que bando de chorões. Vocês estavam fazendo mais faltas do que nós. Vocês não podem dizer esse monte de lixo pra cima da gente e achar que nós vamos deixar barato.

Vocês são um bando de fracotes. Vocês saíram do sério porque nós estávamos vencendo.

Essa é boa! Vocês provocaram a expulsão de dois dos nossos jogadores.

Eu só não te arrebento já porque eu não quero ser expulso antes da partida começar.

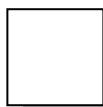
E vocês jogam como se estivessem no zoológico, que aliás é onde vocês deveriam estar.

De jeito nenhum, se vocês tivessem jogado como gente civilizada, nada disso teria acontecido.

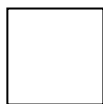
Vamos parar com isso. Vocês estão querendo provocar uma briga séria aqui.

É melhor parar de bancar o valente, seu palhaço, ou eu te faço calar a boca.

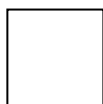
Cuidado. Fica frio, senão vai ser pior.



Você não pode estar falando sério. Nós pelo menos não jogamos como vocês. Vocês jogam como meninos do colegial.



Cala a boca, cara. Vocês não são de nada.



Vocês só sabem reclamar. Vocês deviam jogar mais e chorar menos.

Por favor, responda às seguintes questões:

**Sexo:**

☐ Masculino ☐ Feminino

**Idade:** \_\_\_\_\_

**Qual o curso de graduação ou pós-graduação que você faz?**

\_\_\_\_\_

**Qual a universidade?**

\_\_\_\_\_

**Qual é sua origem étnica? Você pode marcar mais de uma opção.**

- ☐ Europeu
- ☐ Latino-americano (Indígena)
- ☐ Asiático
- ☐ Africano
- ☐ Outro (especificar) .....

*Esta sessão terminou! Muito obrigado por participar de nossa pesquisa!*